

**MANUAL BÁSICO
SOBRE O ESTUDO**

Compilado dos Trabalhos de L. RON HUBBARD

ÍNDICE

0	VOLUME I	5
	FOLHA DE CONTROLO N.º 1 DO MANUAL BÁSICO DE ESTUDO	5
1	ENSAIO SOBRE O ESTUDO.....	10
	PARA QUE SERVE ESTUDAR ?	10
	O QUE É UM ESTUDANTE ?	10
	A “OMNISCIÊNCIA”	10
	A INTENÇÃO	11
	A NÃO APLICAÇÃO	11
2	ENSAIO SOBRE AS PALAVRAS.....	13
	INICIAÇÃO AS PALAVRAS.....	13
	COMO UTILIZAR UM DICIONÁRIO	14
	AS PALAVRAS E A APTIDÃO.....	15
	OS ESTUDANTES “BRILHANTES”	15
	DOIS FENÓMENOS SUSCITADOS PELAS PALAVRAS MAL COMPREENDIDAS	16
	AS PALAVRAS SIMPLES	17
	AS IDEIAS NEBULOSAS	17
	A ARTE DE UTILIZAR UM DICIONÁRIO.....	18
	LEITURA EM VOZ ALTA.....	20
3	ENSAIO SOBRE VERIFICAÇÕES DE PARCEIROS.....	22
	DADOS SOBRE AS VERIFICAÇÕES	23
	COMO PROCEDER A UMA VERIFICAÇÃO	25
	A CAIXA DE DEMONSTRAÇÕES	26
	A DEMONSTRAÇÃO	26
	ERROS POSSÍVEIS NAS VERIFICAÇÕES DE COEFICIENTE DE ASTERISCO.....	27
	AS VERIFICAÇÕES E AS SESSÕES DE EXERCÍCIO DIRIGIDO RIGOROSAS.....	27
	UMA CONDIÇÃO PRÉVIA	28
4	ENSAIO SOBRE O EXERCÍCIO DIRIGIDO	29
	O EXERCÍCIO DIRIGIDO	29
	AS RESPONSABILIDADES DO PARCEIRO.....	29
	O EXERCÍCIO DIRIGIDO EM TEORIA.....	31
	QUE ENTENDES TU POR ISSO	31
	PRECISÃO REQUERIDA NO NO EXERCÍCIO DIRIGIDO EM TEORIA	33
	COMO SER BOM MONITOR ?	33
	CONSELHOS AOS MONITORES	34
5	ENSAIO SOBRE A SUPERVISÃO DO CURSO	36
	O QUE É UMA FOLHA DE CONTROLO	36
	A SUPERVISÃO DO CURSO DE ESTUDOS	37
	AS FOLHAS ROSA	38
	AS VERIFICAÇÕES PELO SUPERVISOR	39
	AS CORREÇÕES PELO SUPERVISOR	39
	OS PONTOS NO ESTUDO	40
	OS RELATÓRIOS SEMANAIS DOS ESTUDANTES	41
6	VOLUME II	43
	FOLHA DE CONTROLE N.º 2 DO MANUAL BASE DE ESTUDO	43
7	ENSAIO SOBRE AS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA	47
	O TREINO NA MESA DE MODELAR	47
	AS DIMENSÕES DAS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA	48
	O CONTROLE DAS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA	48
	OS ERROS NAS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA	49
8	ENSAIOS SOBRE OS GRADIENTES.....	50
	OS GRADIENTES	50
	O ENSINAMENTO POR GRADIENTE	50
	GRAU DE DIFICULDADE NECESSÁRIO	51
	CONFRONTAÇÃO E GRAADAÇÃO	51
	ENSAIO SOBRE A TEORIA DA COMUNICAÇÃO	54

O ACUSO DE RECEÇÃO	57
O ACUSAR DE RECEÇÃO.....	57
O AXIOMA DA COMUNICAÇÃO	58
UMA DEMONSTRAÇÃO DA COMUNICAÇÃO	59
A COMUNICAÇÃO NOS DOIS SENTIDOS	59
9 ENSAIO SOBRE PÔR EM PRÁTICA A COMUNICAÇÃO.....	60
INTRODUÇÃO A PÔR EM PRÁTICA A COMUNICAÇÃO.....	60
A APLICAÇÃO DAS ROTINAS DE TREINO	61
O VALOR DA ATENÇÃO E DA CONFRONTAÇÃO	61
ROTINA DE TREINO 0.....	62
O VALOR DA INTENÇÃO.....	64
ROTINA DE TREINO 1.....	65
O VALOR DO ACUSAR DE RECEÇÃO.....	66
O ACUSO DE RECEÇÃO E O ESTUDO	67
ROTINA DE TREINO 2.....	68
COMO OBTER UMA RESPOSTA À VOSSA PERGUNTA	69
ROTINA DE TREINO 3.....	70
10 ENSAIO SOBRE A FORMAÇÃO.....	72
O EXERCÍCIO DE ASSIMILAÇÃO	72
ALGUNS CONSELHOS	73
A CIÊNCIA.....	73
APRENDER O ESSENCIAL	74
EXERCÍCIO DE AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS.....	75
AUTORIDADE E ACORDO	77
A AVALIAÇÃO DOS DADOS	78
OS FUNDAMENTOS	78
11 GLOSSÁRIO	80

NOTA IMPORTANTE

Quando estudarem este manual, assegurem-se bem de jamais continuarem a ler para lá de uma palavra que não tenham compreendido completamente.

A única razão pela qual uma pessoa abandona um estudo, se embrulha ou se sente incapaz de aprender, vem do facto de ter passado uma palavra ou uma expressão que não compreendeu.

Se o texto se torna confuso ou não são capazes de o compreender, é porque acabaram de passar uma palavra que não compreenderam. Não vão mais longe. mas voltem atrás, ANTES do momento em que começaram a sentir dificuldades, encontrem a palavra mal compreendida, e procurem a sua definição.

Encontrarão no léxico no final deste manual, palavras que figuram no texto que fazem parte do vocabulário específico do estudo assim como as palavras utilizadas num sentido específico.

No caso de não encontrarem a palavra ou a definição que procuram, CONSULTEM UM DICIONÁRIO CORRENTE.

MANUAL BÁSICO DE ESTUDO

VOLUME I

FOLHA DE CONTROLO N.º 1 DO MANUAL BÁSICO DE ESTUDO

Nome do estudante _____

Data de começo _____

Estabelecimento de estudo _____

Data da terminação _____

Como se servir da folha de controle

Esta folha de controle enumera, numa ordem, as ações a realizar a fim de concluir este curso. Efetuam-no na ordem indicada.

Ponham as vossas iniciais nos espaços reservados para o efeito no final de cada artigo da folha de controle, depois de ter terminado a ação mencionada. (Pode acontecer que o supervisor ou um outro estudante ponha as suas iniciais. A explicação ser-vos-á dada na altura devida).

Como medir os vossos progressos

Podem medir a velocidade do vosso progresso neste curso fazendo um gráfico dos vossos *pontos*. Os pontos representam valores numéricos arbitrários atribuídos a um tipo de ação particular da folha de controle. (O funcionamento do sistema dos pontos no estudo está explicado no ensaio sobre os "Pontos no estudo" que faz parte do capítulo intitulado "Ensaios sobre a supervisão dum curso").

No caso de dúvidas

Se tiverem dúvidas durante o curso, dirijam-se ao supervisor. Não perguntam a outro colega, porque vão atrasar-lhe o ritmo.

Horário do curso

Utilizai o vosso tempo livre a fim de terminar o curso. Estudai tanto quanto possível fora das horas de curso. Quando estudardes sós, tomai nota no vosso gráfico o número de pontos conseguidos.

Produto do curso

O produto deste curso é UM ESTUDANTE QUE SABE ESTUDAR E QUE ESTÁ Á ALTURA DE UTILIZAR O QUE ESTUDOU.

SECÇÃO I – INTRODUÇÃO

Percorram rapidamente este manual (ler os capítulos de 1 a 5, depois "Ensaios sobre o estudo" até "Ensaios sobre a supervisão dum curso") a fim de terem uma ideia da matéria e dos métodos de ensinamento do curso (cada capítulo lido desta forma vale 10 pontos).

SECÇÃO II. – AS VERIFICAÇÕES (Capítulo 3)

(N.B. – O supervisor examinará cada ensaio desta secção. Uma verificação é um exame rápido destinado a verificar se compreendem bem e sabem utilizar tudo o que aprenderam. O procedimento a seguir assim como os símbolos * e O, são explicados no texto. Quando estiverem prontos para uma verificação, levantem a mão).

- * As verificações de parceiros _____
- * Ensaio: Porque é que as verificações de teoria devem todas elas interrogar o estudante sobre a sua compreensão ? _____
- * Dados sobre as verificações _____
- * As verificações _____
- * Como proceder numa verificação
Exercícios de aplicação: Pega um manual escolar qualquer.
Escolha um capítulo e mostre ao supervisor exemplos de 3 pontos importantes dum texto a estudar. _____
- * Demo-kit _____
- * A demonstração _____
- * Erros possíveis nas verificações de coeficiente de asterisco _____
- * Demonstração : Como proceder numa verificação de Coeficiente de asterisco _____
- * As verificações e as sessões de exercício dirigido rigoroso. _____
- * Exercício de aplicação: O supervisor de curso escolhe um ensaio. O estudante toma o papel de parceiro do supervisor e verifica o supervisor sobre o texto servindo-se a fundo da tecnologia sobre verificações. O supervisor deve mostrar-se muito severo e chumbar Imediatamente o estudante se transgredir a tecnologia. Ele adverte-o que vai apresentar respostas incorretas que o estudante deverá recusar. A execução perfeita deste exercício decidirá posteriormente da competência do estudante como parceiro. _____

SECÇÃO III. O EXERCÍCIO DIRIGIDO (Capítulo 4)

(Nota : Todos os ensaios de coeficiente de asterisco desta secção, assim como as seguintes, serão doravante verificadas pelos parceiros).

- * O exercício dirigido _____
- * As responsabilidades dos parceiros _____
- * O exercício dirigido em teoria _____
- *O que entendas por isso? _____
- * Precisão requerida num exercício dirigido em teoria _____

- * Ensaio : Descrevam as situações que podem apresentar-se Quando dirigem o vosso parceiro _____
- * Como ser um bom monitor _____
- * Conselhos à intenção dos monitores _____
- * Exercício de aplicação: Escolha neste manual um Pequeno ensaio e mande fazer ao seu parceiro o exercício intitulado " O que entendas por isso? " _____

SECÇÃO IV - AS PALAVRAS (Capítulo 2)

- * Iniciação às palavras _____
- * Como utilizar um dicionário _____
- 0 As palavras e a aptidão _____
- 0 Os estudantes " brilhantes " _____
- * Dois fenómenos provocados por palavras mal compreendidas. _____
- * As palavras simples _____
- * As ideias nebulosas _____
- * Uma condição prévia _____
- * A arte de utilizar um dicionário _____
- 0 A leitura em voz alta _____
- * Ensaio : Mostrem um exemplo de ideia nebulosa Provocada por uma palavra mal compreendida _____

SECÇÃO V - O ESTUDO (Capítulo 1)

- 0 Para que serve estudar ? _____
 - * O que é um estudante ? _____
 - 0 A " Omisciência " _____
 - * A intenção _____
 - 0 A não aplicação _____
 - * Exercício de aplicação: Estuda um assunto à tua Escolha. Põem-no em prática na tua vida. (10 pontos) _____
- Ensaio : A forma como pôr em prática nos teus outros cursos o que aprendeste até agora neste curso. _____

SECÇÃO VI - A SUPERVISÃO DO CURSO (Capítulo 5)

- * O que é uma folha de controle ? _____
- 0 A supervisão de estudos _____
- * As folhas cor-de-rosa _____
- 0 As verificações pelo supervisor _____
- 0 As correções pelo supervisor _____
- * Exercício de aplicação : Ajuda o supervisor a Supervisionar o curso (30 pontos) _____
- Os pontos no estudo _____
- 0 Relatórios semanais do estudante _____

SECÇÃO VII - RECAPITULATIVA

O supervisor submete o estudante a uma verificação 100% sobre os materiais estudados até ao momento. O supervisor escolhe os textos ao acaso. O estudante recebe uma folha cor-de-rosa por todos os textos que não sabe, e deve estudá-los de novo caso chumbe. (Logo que o estudante reestuda os textos em questão faz-se uma outra verificação 100% pelo supervisor).

Atesto ter estudado inteiramente todos os materiais da *FOLHA DE CONTROLO DO MANUAL BASE DE ESTUDO , PARTE I*; ter consultado no dicionário todas as palavras que não compreendia completamente; ter feito todos os ensaios e todos os exercícios requeridos; ter conseguido todas as verificações; e não ter nenhuma dúvida sobre os materiais.

Na minha qualidade de monitor, mostrei as mesmas exigências em relação ao meu parceiro. Examinei-o e treinei-o sem comprometimento algum, a fim de compreender na sua integridade os materiais do curso. Sou capaz, com toda a honestidade de pôr em prática a tecnologia de estudo apresentada nesta folha de controle na sua totalidade. Vale o mesmo para o meu parceiro, e isto depois da minha avaliação e da dele.

Assinatura do estudante data

Atesto ter utilizado com este estudante toda a gama da tecnologia de supervisão dum curso, sem desmazelo nem negligência em qualquer aspecto. Assegurei-me de que satisfaçõas todas as condições desta folha de controle; que não tem palavras ou símbolos mal compreendidos no texto; que conhece, comprehende e pode aplicar a tecnologia de estudo apresentada aqui; e que ele examinou e treinou o seu parceiro de maneira a fazê-lo chegar ao mesmo nível de competência.

Assinatura do supervisor Data

FIM DA FOLHA DE CONTROLO

O ENSAIO SOBRE O ESTUDO

"Um estudante, associa o que ele estuda ao que efetuará de seguida ".
L. Ron Hubbard

PARA QUE SERVE ESTUDAR ?

Uma das razões fundamentais para estudar é a de descobrir como fazer o que os outros já aprenderam à força de apalpadelas.

Imaginem que uma pessoa se recusa a estudar e tem a ideia luminosa de "inventar" uma fonte de energia para pôr a funcionar na casa dele toda a espécie de aparelhagem. Ela passa o resto da vida a efetuar experiências e chega quase à conclusão rudimentar de que um dia um outro ... por um método ou um outro ... poderá talvez utilizar-se a fricção como fonte produtora de energia.

A sua vida teria sido bem mais facilitada se ele possuísse conhecimentos de eletricidade.

É possível adquirir informações em segunda mão pela leitura de um texto imprimido.

Se fosse preciso aprender tudo o que existe em primeira mão, morrer-se-ia idiota.!

O QUE É UM ESTUDANTE ?

Um estudante é alguém que estuda.

É um observador atento e metódico. Um estudante é alguém que lê em pormenor a fim de aprender e de seguida pôr em prática o que aprendeu.

Logo que um estudante se entrega ao estudo, ele sabe que o seu objetivo é o de compreender os materiais que está a tentar estudar a fim de *aplicar* esses materiais com vista a um resultado específico.

Um estudante associa o que *estuda* à *utilização* que lhe vai dar futuramente.

Um estudante sabe o que vai *fazer* com aquilo que está a aprender.

A " OMNISCIÊNCIA "

Se não consegues aprender, vale a pena refletir um instante para ver se estás numa atitude daquele "que já sabe tudo".

Se é o caso , faz a ti mesmo a seguinte pergunta:

" Para que serve estudar?"

Aborda o estudo fazendo uma ideia exata do que sabes e do que não sabes.

A INTENÇÃO

Se a intenção do estudante e de estudar os materiais do curso, com o único fim de ter êxito no seu exame, ele não poderá servir-se do assunto, depois de ter passado no exame. Talvez seja um grande teórico na matéria, mas seguramente não estará à altura de utilizar os seus conhecimentos.

Certos estudantes só têm um objetivo: terminar o seu curso a qualquer preço. Eles "estudam" sem parar. No entanto eles recusam utilizar as técnicas de estudo, de demonstrar as ideias e de utilizar um dicionário para verificar o sentido exato das palavras. (Estas técnicas são expostas em pormenor posteriormente neste manual) . Quando se obriga estes estudantes a dar um exemplo duma regra que memorizaram, eles persistem nesta atitude indiferente e encontram as teorias "muito interessantes" de ler enquanto agem como se os dados não lhes dissessem respeito e, na verdade não têm nenhuma intenção de os pôr em prática.

A recusa de entrega constitui um obstáculo primordial à capacidade de aplicar os textos estudados. Se o "estudante " não tem a intenção de utilizar o que aprende, descobrirá que não quer aprender.

Diversas razões levam ao estudo : as notas, os exames, a notoriedade, a glória, tudo o que se queira!

Mas a única razão válida para estudar, é de ser ou mesmo de compreender e de aplicar o que se aprende . Se não sabes como aprender, jamais saberás como fazer seja o que for.

A NÃO APLICAÇÃO

Aconteceu-me ver um estudante aplicar completamente o inverso do que tinha lido, totalmente o contrário daquilo que é pressuposto o texto ensinar-lhes e isto depois de ter passado horas "mergulhado" no seu manual.

Trata-se do tipo de estudante que os materiais deixam indiferente. Ele inscreveu-se no curso aparentemente para aprender uma disciplina, mas a razão da sua presença é totalmente outra.

Assim que vejam este tipo de fenómeno, estão na presença de um ou vários destes três elementos:

- 1– A notoriedade
- 2– A recusa de se envolver
- 3– A falsa imagem

A notoriedade

Encontram estudantes que estudam pelo prestígio ou pelo *status*. " Eu desejo estudar este curso a fim de ser promovido a tenente " ou " felizmente que serei médico para enfim ser considerado ".

O engenheiro ao qual deram um diploma e que nunca fez qualquer esforço das suas capacidades, é disso um exemplo. O seu diploma é um símbolo de êxito social. ei-lo agora titular.

A recusa de se envolver

Encontrarão igualmente estudantes que encontram resistência em se envolverem. Eles tornam-se espectadores e não estudantes. Vãovê-los protestar logo que se trate de fazer convenientemente um exercício sobre o estudo ou de utilizar o demo-kit (ferramentas que servem para representar os materiais estudados, descritos anteriormente neste manual). Este tipo de estudante tem medo de se pôr a estudar a sério.

A falsa imagem

Encontrarão também pessoas que dão uma falsa imagem deles mesmos. Fazer passar-se por um “estudante” não tem nenhum sentido se a pessoa não sabe de todo o que é um estudante, e nem sequer começou a aplicar na vida os dados sobre o estudo, ou “faz figura de enfermeira” não rima com nada se a pessoa nunca curou alguém. Ela jamais curou algo mais que um símbolo.

Qualquer um destes três tipos de estudantes não poderá nem aplicar os dados aprendidos, nem executar , e , como consequência tornar-se-á incapaz de passar á ação.

Estes dados podem permitir ao estudante ou ao instrutor que os utiliza de contornar os obstáculos que impedem o estudante de aplicar a matéria que estuda para chegar ao resultado desejado.

1 ENSAIO SOBRE AS PALAVRAS

"Na educação não acentuem tanta significância de modo a esquecerem a massa. A palavra e a coisa devem estar em equilíbrio e estar a par com a prática."

L. Ron Hubbard

INICIAÇÃO AS PALAVRAS

Uma das barreiras mais importantes ao estudo duma nova matéria é a sua *nomenclatura*, isto é o conjunto de termos, utilizados para descrever os elementos de que trata. É preciso que uma matéria possua etiquetas precisas que tenham significados exatos antes que se possam compreender e comunicar.

Se eu vos descrevesse as partes do corpo por meio de expressões tais como "coiso" ou "aquilo", nadaríamos todos na confusão (particularmente entre aqueles que exercem uma profissão de medicina), porque é muito importante num domínio seja qual for, de nomear as coisas com precisão.

Peguem no exemplo do estudante que inicia o estudo duma matéria qualquer e que experimenta sérias dificuldades. Qual será a razão disso? É porque ele não tem somente de aprender princípios e métodos novos, mas também se encontra perante uma linguagem inteiramente desconhecida. E enquanto não tenha compreendido e tomado consciência que "se deve saber a letra duma canção antes de a cantar" não irá longe em qualquer domínio do estudo ou da aplicação.

As palavras não definidas

Vou dar-vos conhecimento dum dado importante:

A ÚNICA RAZÃO PELA QUAL UMA PESSOA ABANDONA
UM ESTUDO, MERGULHA NA CONFUSÃO, OU SE SENTE
INCAPAZ DE APRENDER, VEM DE ELA TER PASSADO
UMA PALAVRA QUE NÃO COMPREENDEU.

A confusão ou a incapacidade de captar ou aprender é consequente a uma palavra cuja definição a pessoa desconhecia e que não a compreendeu.

Já alguma vez experimentaram chegar ao fim duma página e darem-se conta que não sabiam o que tinham acabado de ler? Muito bem, mais acima nessa página existe nalguma parte uma palavra passada a qual desconheces a definição.

Eis aqui um exemplo:

Descobri que com o crepúsculo as crianças se acalmavam
Enquanto que há outros momentos que elas manifestavam
Vivacidade demais.

Compreendem o fenómeno? Vocês pensam não compreender a ideia no seu conjunto, então o que faz a incapacidade de compreender resulta inteiramente da palavra que não podem definir: crepúsculo, que significa neste sentido : ao cair do dia.

Este dado relativo à necessidade de não passar uma palavra cujo sentido seja compreendido vagamente é o facto mais importante de todo o sujeito do estudo. Cada matéria que começaram a estudar e à qual renunciaram , contêm palavras que não conhecem a definição.

Como proceder

Por consequência quando estudam assegurem-se totalmente de jamais continuarem a ler para lá de uma palavra que não tenham compreendido plenamente. Se o texto se torna confuso ou se não conseguem assimilá-lo, é porque acabam de passar uma palavra que não compreenderam. Não vão mais longe, mas voltem atrás no ponto onde começaram a sentir dificuldades, encontrem a palavra mal compreendida e procurem a definição.

Ao estudarem uma nova matéria não necessitam unicamente de procurar as palavras novas e insólitas. Certas palavras de todos os dias podem muitas vezes ser utilizadas numa má aceção tornando-se assim causa de confusão. Não se remetam somente a um dicionário técnico ou a um glossário, mas utilizem também um dicionário geral da língua portuguesa para todas as palavras não técnicas que não compreende no decurso das vossas leituras e estudos.

COMO UTILIZAR UM DICIONÁRIO

Certas palavras que o estudante comprehende mal e que verifica no dicionário pode por vezes ainda assim ocasionar-lhe aborrecimentos.

Eis aqui uma demonstração: O estudante encontra uma palavra que não comprehende. Ele olha a definição encontra uma palavra de substituição que a emprega no lugar.

A primeira palavra, bem entendido, permanece sempre mal comprehendida e continua a molestá-lo.

Exemplo

(Frase num texto) “ a sua figura era gargantuesca”. O estudante procura o significado e encontra :” como Gargântua, colossal ”. O estudante utiliza “colossal” como sinónimo e lê então como sinónimo, no seu lugar: “A sua figura era colossal”.

Um pouco mais à frente ele jamais será capaz de comprehender o parágrafo que vem depois da palavra “Gargântua” no texto.

O princípio é que se torna estúpido depois de ter passado uma palavra que não se comprehende e que redescobre a sua vivacidade de espírito logo que se localize a palavra a qual não apanharam o sentido. Com efeito recupera-se esta vivacidade quando se define a palavra ou nome.

Mas empregar outro nome no lugar deste que se encontra no texto é catastrófico.

A aproximação correta

A aproximação correta consiste em rever, em definir corretamente e em compreender o termo utilizado.

No caso da palavra " Gargantuesco " o que é que quer mesmo dizer esse termo? No dicionário, significa "semelhante a Gargântua " . O dicionário indica que se trata dum rei gigantesco na obra de Rabelais, O estudante solta uma exclamação e pensa que a frase : "A sua figura era a de um rei gigantesco " .

Atenção ! Nós cometemos aí um erro com a palavra colossal. No entanto nós aproximamo-nos do objetivo.

Que fazer então? Empreguem "gargantuesco" nalgumas frases da vossa criação e hurra! E compreenderão rapidamente a palavra utilizada !

Agora lerão corretamente : "A sua figura era gargantuesca" E o que é que isto significa? Unicamente , "a sua figura era gargantuesca". E nada mais.

AS PALAVRAS E A APTIDÃO

As PALAVRAS têm um papel determinante no domínio do talento, as aptidões e as relações humanas.

A compreensão das palavras, a sua utilização assim como a sua aplicação (para exprimir as ideias) permitem a uma pessoa de aumentar as suas capacidades e de desenvolver as suas aptidões.

A aptidão que o Marco tem em programar um computador com rapidez e precisão é tributária do seu conhecimento das palavras e da sua capacidade de utilizar o vocabulário que diz respeito aos computadores.

No caso em que o Marco manifesta dificuldades a programar um computador, é porque existe aí uma palavra no vocabulário da programação que ele não compreendeu, o qual lhe provocou uma *incapacidade de passar à ação* no domínio da programação dos computadores. A ignorância das palavras conduz à incapacidade .

O conhecimento das palavras é sinónimo de capacidade. Isso não é muito complicado
A rapidez de aplicação das capacidades depende da compreensão do vocabulário até então não compreendido.

OS ESTUDANTES "BRILHANTES "

Não há nem estudantes "brilhantes" nem estudantes "lentos de espírito".

No entanto, existem estudantes aplicados e estudantes negligentes.

O estudo negligente reside no facto de passar uma palavra mal compreendida, que provoca a "estupidez ".

O estudo atento reside no facto de não passar complacentemente palavras mal compreendidas . A "inteligência "depende da compreensão da nomenclatura e dos fenómenos expostos.

DOIS FENÓMENOS SUSCITADOS PELAS PALAVRAS MAL COMPREENDIDAS

O primeiro fenómeno

Logo que um estudante passe uma palavra sem a compreender, a secção do texto que se segue *imediatamente* a esta palavra torna-se um vazio na sua memória . Podem sempre voltar atrás até à palavra que precede o vazio, esclarecendo o seu sentido para encontrar, como por milagre, que o que era então um vazio não o é mais no texto. Isso contém magia.

O segundo fenómeno

O segundo fenómeno manifesta-se depois do estudante ter deixado passar, sem compreender, numerosas palavras. Ele começa a sentir ,acerca do assunto que estuda, cada vez mais antipatia, à qual sucedem diversos estados fisiológicos e mentais seguidos de diferentes motivos de queixume de criticas do género: "Tudo isto é culpa vossa " , "este escritor na verdade tem um estilo bizarro", Como é que eu posso compreender isto uma vez que nada é explicado – ele esqueceu-se da metade – e ele utiliza todas essas palavras complicadas ! "

O estudante ao qual o assunto, o professor, a escola, etc. "chegaram a este ponto prejudicial" tem agora um excelente motivo de renunciar!

Sabendo que a maior parte dos sistemas educativos desaprovam os estudantes que renunciam aos seus estudos e aos seus cursos, certos estudantes contornam esta dificuldade tendo o espírito algures, enquanto assistem aos cursos. Eles recusam-se a estudar o assunto sem pretexto, e estabelece-se uma "máquina de registar" que pode restituir frases e formulas.

Estes estudantes podem estudar alguns termos aqui e acolá, e mesmo recitá-las de cor; eles podem obter 20 sobre 20 no exame, mas tornam-se incapazes de aplicar os dados aprendidos.

Trata-se de estudantes "rápidos", é muito corrente, no entanto nunca conseguem aplicar o que eles aprenderam.

A demonstração

A demonstração é a chave que permite prevenir o segundo fenómeno assim como o seu resultado: Os estudantes que abandonam e os estudantes "brilhantes que não aplicam nada".

Demonstrar significa mostrar, por exemplos, por explicações, etc. .

Logo que peçam ao estudante volúvel para demonstrar uma regra ou uma teoria com as mãos ou com cliques, a sua incapacidade de se servir de dados que ele memorizou tornar-se-á manifesta.

A explicação disso é simples: enquanto o estudante memoriza palavras ou ideias, ele pode sempre guardar uma atitude de passividade. O circuito desempenha perfeitamente a sua função. Mas no mesmo instante em que lhe pedem para demonstrar essa palavra, esta ideia ou esse princípio, o estudante *'é obrigado* a participar e a sua volubilidade voa num abrir e fechar de olhos.

O estudante que parece muito “lento de espírito” é muito simplesmente mergulhado no vazio da incompreensão depois de uma palavra mal compreendida.

Quanto ao estudante “muito brilhante” que não está à altura de utilizar os dados, ele não quer ter mais nada a ver com o assunto. Ele renunciou há muito de se envolver.

O remédio para estas duas condições : aquela da “Brilhante incompreensão” ou aquela da “lentidão de espírito” consiste em encontrar a palavra ou as palavras falhadas. Entretanto pode parar-se aí não permitindo ao estudante de ir para lá da palavra que lhe escapou sem compreender o sentido. É o que se espera do estudante, do seu parceiro e do supervisor do curso.

AS PALAVRAS SIMPLES

Poderíamos supor numa primeira análise que é nas palavras COMPLICADAS ou palavras técnicas que se encontram mais mal entendidos.

Estão ENGANADOS.

São as palavras simples e NÃO as palavras técnicas que põem obstáculo à compreensão.

As palavras como “*um*” “*existir*”, “*o*” “*tal*” e outras palavras, as quais “nunca se presume ignorar o sentido” são raramente compreendidas.

Outra coisa estranha, somente os grandes dicionários apresentam uma definição completa dessas palavras simples. Os dicionários pequenos não perdem tempo em definirlas com exatidão visto que elas são “compreendidas – de – todos”.

O primeiro termo mal compreendido

Numa matéria de estudo, a primeira palavra mal compreendida deixa a porta aberta às palavras futuras que compreenderá mal nessa matéria.

Assegurai-vos pois neste curso de que essas palavras *manual*, *por*, *base* e *ensaio* sejam perfeitamente compreendidas.

Em seguida vêm as palavras tais como *um(a)* , *o* , *a*, e outras palavras portuguesas simples.

AS IDEIAS NEBULOSAS

Todas as vezes que uma pessoa tem uma ideia embrulhada em relação a um assunto ou acredita que ela está em presença de raciocínios contraditórios, É CERTO QUE EXISTE SEMPRE UMA PALAVRA MAL COMPREENDIDA ATRÁS DESTA CONFUSÃO.

Exemplo

,ESTUDANTE : Não consigo agarrar esta ideia de forças opostas.

Penso que é preciso corrigir etc.

MONITOR : Haverá aí uma palavra que tu não compreendas ?

ESTUDANTE : Nunca na vida, comprehendo todas as palavras . É que ...

MONITOR : E a palavra “força” ?

ESTUDANTE : (*silêncio*)

MONITOR : Consultemos o dicionário.

ESTUDANTE : Oh ! não, eu conheço o sentido. É a ideia que ...

MONITOR : Vejamos no dicionário.

ESTUDANTE : Bem. Vejamos D ...E ...F ... FO ...FORÇAS. Está aqui “Aquila que modifica o movimento do corpo sobre o qual ela se exerce.”

MONITOR : Emprega em várias frases.

ESTUDANTE : (O estudante executa-o)

MONITOR : Agora, como te parece essa palavra?

ESTUDANTE : Já agarrei! Até agora eu pensava que se tratava da brutalidade
Da polícia! Não conseguia compreender que duas forças de polícia
Se pudessem enfrentar.

MONITOR : Bem. Agora, como te parece esta ideia de forças opostas.

ESTUDANTE : Muito bem, é claro como o dia. Parece-me que jamais a tinha lido
Até agora!

Não vos lanceis em explicaçāo – encontrai a palavra incompreendida

Todos os estudantes recentemente iniciados nestes métodos de estudo opor-se-ão aos seus argumentos, farão toda a espécie de histórias acerca de ideias ou confusões que se supõe encontrar nas instruções ou nos materiais que lhe dão a ler.

Eles avançarão ideias esquisitas e conceitos erróneos sobre o sentido do texto. Eles farão as coisas ao contrário alegando que o texto lho indicava. Eles perguntarão ao seu supervisor de lhe explicar as ideias insólitas. Eles reclamarão aos gritos os esclarecimentos.

E ATRÁS DE TUDO ISTO ESCONDE-SE SIMPLESMENTE UMA PALAVRA MAL COMPREENDIDA.

As ideias mal compreendidas não existem. Só uma palavra mal compreendida *origina* um nunca mais acabar de ideias erróneas. Uma palavra mal compreendida uma palavra mal compreendida faz nascer ideias esquisitas.

A ARTE DE UTILIZAR UM DICIONÁRIO

Se querem ter êxito nos vossos estudos, o dicionário deve ser uma ferramenta familiar.

O alfabeto

Um bom conhecimento do alfabeto é a chave que permite encontrar rapidamente a palavra que procurais. É preciso conhecer o alfabeto na ponta dos dedos.

Em todos os dicionários, as palavras são colocadas por ordem alfabética. Na ponta dos dedos.

Em todos os dicionários, as palavras são colocadas por ordem alfabética. Todas as palavras começadas por B encontram-se na segunda secção, etc. Mesmo no interior desta secção, o ordenamento é efetuado a partir da segunda letra da palavra, ordenado por ordem alfabética. (Assim, por exemplo a palavra *porquê* precede a palavra *próprio*, que ele mesmo precede a palavra *purpura*, etc.)

Ao cimo de cada página, encontrarás, em letra gorda, a primeira e a última palavra da página. Dentro dos dicionários muito grossos, encontrareis isso ao cimo das duas colunas de cada página. Podeis servir-vos disso como guia a fim de localizar mais rapidamente a página que contem a palavra que procurais.

Como decompor uma palavra

Muitas palavras são formadas a partir de uma combinação de elementos. Ao decompor uma palavra podeis ver no dicionário cada termo que a constitui; o seu significado parecer-vos-á mais claro.

Tomemos como exemplo *teologia*. A primeira parte *Teo*, significa Deus ou os deuses, a segunda parte, *logia* quer dizer o verbo , a expressão, a ciência, a teoria ou o estudo de Deus ou os deuses.

Acontece por vezes, na formação das palavras compostas, que uma letra seja mudada como na palavra *in – dividual – isar*.

Procurem as palavras contidas na definição

Acontece frequentemente ao procurar uma palavra , encontrar na sua definição outras palavras que é preciso procurar se quiserem compreender o sentido da primeira palavra. Em consequência, deve-se encontrar na sua definição precisa destas palavras e de as compreender claramente de modo a não deixar subsistir nenhuma palavra incompreendida na definição daquela que consultamos. Os grandes dicionários para crianças prestam-se para este método porque as definições aí são simples.

Utilizar um dicionário suficientemente grosso

Os dicionários de formato reduzido(espécie de livro de bolso ou edição condensada) raramente contêm as definições completas duma palavra. Por vezes acontece que a parte mais importante da definição seja omitida. Isto leva-nos a correr à procura dum outro dicionário ou a passar ao lado do verdadeiro sentido da palavra. Utilizem sempre um dicionário suficientemente grosso.

As palavras da língua estrangeira

Existem dois tipos de dicionário de língua estrangeira : o dicionário inteiramente concebido na língua estrangeira, e o dicionário português / língua estrangeira que comporta uma parte português /língua estrangeira e uma segunda parte língua estrangeira / português .

Utilizem o dicionário em língua estrangeira somente com pessoas bilingues

No estudo duma língua estrangeira descobrireis muitas vezes que as palavras da gramática mal compreendidas na própria língua e utilizadas nos ensinamentos da gramática da língua estrangeira estão na origem da vossa incapacidade em assimilar a língua estrangeira em questão.

Sumário

AJUDAI-VOS COM O DICIONÁRIO . TRATA-SE SEMPRE DE UMA PALAVRA MAL COMPREENDIDA . NUNCA SE TRATA DE UM CONCEITO OU DE UMA IDEIA MAL COMPREENDIDA.

LEITURA EM VOZ ALTA

No caso em que vos parece que uma pessoa não progride quando estuda em silêncio, podem pô-la a ler em voz alta.

Recomendamos o emprego deste método com as crianças, as pessoas cuja língua materna não é o português e os estudantes que manifestam dificuldades com língua.

A pessoa lê um texto igual ao exemplar que vocês possuem de modo a permitir-vos seguir a leitura

Podem observar-se dois fenómenos surpreendentes. Exemplo : A pessoa omite a palavra "este " de cada vez que aparece no texto. Ela não a lê muito simplesmente.

Pode muito bem acontecer que atribua a esta palavra um sentido esquisito tal como "estética" em abreviado (facto autêntico).

Outro exemplo : Ela omite todos os "s" que aparecem no texto, não sabendo que é um apóstrofe (facto autêntico).

Acontece trocar-se uma palavra por uma outra, tal como "parar" por "falar" ou "para" por "par".

Verifica-se alguma hesitação sobre estas palavras.

Método

1. Pôr a ler em voz alta.
2. Fazer notar, à medida que lê, cada omissão, cada deformação de palavras, cada hesitação ou cada franzimento de sobrancelhas, e pescar imediatamente o erro.
3. Retificar procurando a palavra no seu lugar ou explicando-lhe o seu sentido.
4. Mandar continuar a leitura do texto fazendo notar sempre a omissão, a deformação da palavra, a hesitação ou o desacordo seguinte.
5. Reiterar as etapas 2 e 4

A pessoa pode, fazendo isso, elevar o seu grau de instrução.

A sua próxima etapa será a de aprender a servir-se de um dicionário e aí procurar as palavras. Em seguida será necessário servir-se de uma gramática elementar para procurar os termos gramaticais e as palavras tais como "um", "o", "e" que constituem a própria estrutura da língua e que são mais complexas do que elas nos parecem à primeira vista.

Toda a pessoa cujo grau de instrução é fraco pode, graças a este método, aprender mais rapidamente a ler e a escrever.

2 ENSAIO SOBRE VERIFICAÇÕES DE PARCEIROS

*"Um exame correto exige
uma demonstração da forma
como o aluno vai utilizar os dados".*

L. Ron Hubbard

Um sistema chamado *verificações de parceiros* permite obter excelentes resultados no estudo.

Um parceiro é atribuído a cada estudante a fim de lhe servir de par ao longo do estudo. O estudante estuda o texto que lhe foi dado, e o seu par faz a função de monitor logo que o estudante para nas passagens difíceis.

(O treino dirigido é objeto dumha descrição detalhada posteriormente . Em resumo, ele trata dum método graças ao qual um parceiro ajuda o estudante que lhe foi confiado a compreender os materiais, e a progredir rapidamente e sem problemas no seu curso).

Quando o estudante conhece o seu texto, o seu parceiro submete-o a um *controle*. Ao fazê-lo, o parceiro *verifica* que o estudante possui a fundo os dados chaves dumha secção dos textos estudados. Essas secções figuram cada uma sob rubricas apropriadas, sob forma de uma lista de etapas a efetuar a fim de terminar o curso. Esta lista tem o nome de *folha de controle*. Todas as folhas de controle possuem artigos *teóricos* e os artigos *práticos*. Entende-se por “teoria” ,a parte que engloba os dados do curso. O termo “prático” designa todos os exercícios que vão permitir ao estudante ligar e coordenar os dados às ferramentas e à atividade às quais diz respeito..

Quando o estudante passa numa verificação, o seu parceiro coloca as suas iniciais à frente do artigo correspondente . Quando este último é chumbado, volta simplesmente a estudar os seus materiais e em seguida reexamina-se.

A compreensão

Acontece que a educação éposta à prova duramente quando um estudante domina unicamente as “palavras” dum curso mas negligencia a “melodia”

O estudante não retiraria nunca nenhum benefício dum conhecimento livresco. O estudante deve estar à altura de se *servir* dos factos apreendidos.

É tão fácil fazer face aos pensamentos, e tão difícil de enfrentar a ação, que um estudante se contente muitas vezes de declamar palavras e ideias que não tem para ele nenhuma significação.

Teremos como consequência, o que se segue em regra geral.

TODAS AS VERIFICAÇÕES DE TEORIA DEVEM INTERROGAR O ESTUDANTE SOBRE A SUA COMPREENSÃO

DADOS SOBRE AS VERIFICAÇÕES

Os artigos enumerados sobre uma folha de controle nem todos são objeto de uma verificação

O estudante atesta ele mesmo possuir em grandes linhas os artigos de *coeficiente (0)* da folha de controle.

Os artigos de coeficiente (*) são submetidos a verificações muito minuciosas, destinadas a verificar que o estudante possui a fundo e de forma detalhada uma parte dos materiais de estudo, e a controlar a compreensão total dos dados assim como a sua aptidão a aplicá-los . No entanto isso não quer dizer que se deve controlar cada palavra .

Dar-vos-emos aqui algumas regras que têm de ser observadas para fazerem corretamente as verificações.

Verificações por sondagem

Procedam a sondagens sobre as palavras e materiais, não tentem abarcar tudo. A verificação tem lugar da mesma forma que se faz para um exame do final de estudos; O exame recai unicamente sobre uma parte dos materiais; Supõem-se que se o estudante a assimilou corretamente, também conhece o resto

Por que razão o estudante chumba

Chumbar o estudante se ele hesita. Chumbá-lo se dá uma resposta incorreta. Chumbá-lo se ele sai do assunto. Se o estudante faz " eh ... Ah ...bom ..." recusa-o, porque ele prova com isso que não possui suficientemente bem o assunto para poder servir-se dele.

Não continuem jamais a examinar um texto no qual o estudante chumbou.

Qual o grau de perfeição que se deve exigir ao estudante

Para passar uma verificação de coeficiente asterisco o estudante deve dar 100% de respostas certas.

75% de respostas corretas é suficiente. Se considerarmos que o texto não é suficientemente importante para valer 100% examinar-se-á segundo um coeficiente 0 não um coeficiente de asterisco . Dito de outra forma , as verificações às quais procedam devem ter êxito 100%. Não examinem os materiais de importância menor. Exijam unicamente a prova de que o texto foi lido.

As verificações

Que o estudante possa citar ou parafrasear texto sobre o qual recai a verificação não prova rigorosamente nada. Isto não garante que conheça os dados, que os possa utilizar ou pôr em prática. Nem o estudante "brilhante" nem o estudante "de espírito lento"(sofrem os dois do mesmo mal: palavras mal compreendidas) não retirarão vantagem dum tal exame.

Consequentemente, o método de controle que consiste em julgar se alguém "conhece" o texto e se pode citá-lo ou parafraseá-lo é totalmente errado. *Não se pode jamais recorrer a isso.*

O que perguntar no decurso de uma verificação

Faz-se um exame ou uma verificação correta colocando à pessoa a examinar as seguintes perguntas:

1º. O significado de vários termos (o estudante deve definir de novo os termos empregues, por palavras dele e demonstrar a sua utilização nas frases da sua autoria.

2º. Demonstrar a forma como ele vai *utilizar* os dados.

O parceiro tem o direito de perguntar o sentido das palavras . Ele pode pedir igualmente exemplos de como pôr em ação ou em prática .

“ O que diz o 1º parágrafo ? ” É uma pergunta inútil totalmente absurda. “ Quais são as regras a respeito de ? ” É uma pergunta inútil a fazer. Nem uma nem outra destas perguntas revelam ao parceiro se se encontra em presença do estudante brilhante que jamais aplicará os dados ou do estudante de espírito lento . Tais perguntas não farão senão precipitar aborrecimentos e abandonos dos cursos.

Exemplo de verificações

Dou uma vista de olhos ao primeiro parágrafo do texto sobre o qual vou examinar o estudante e escolho aí algumas palavras inesperadas. Em seguida peço ao estudante para mas definir e me demonstrar como se empregam em frases inventadas por ele, e chumbo-o na primeira hesitação tal como “ bem ... eh ... vamos ver ... ” e a verificação termina aqui. Retoma-se logo que o estudante reestudou o texto e/ou foi treinado por um monitor.

Antes de tudo, asseguro-me de conhecer ,eu mesmo, o sentido das palavras antes de proceder ao exame.

Uma vez que o estudante tenha assimilado bem as palavras , exijo que me dê a música.

Pergunto-lhe: “Bem, qual o uso que vais fazer deste texto ? ” Ou faz-lhe perguntas do género: “ Bem, como é que aparece uma regra que proíbe as pessoas de seguirem um regime de comer bombons ? ” Se o estudante não sabe explicar porquê, envio-o às palavras anteriores desta regra para descobrir aí as palavras que não compreendeu.

Tenho ainda um punhado de cliques e elásticos para que o estudante possa demonstrar-me que compreendeu realmente as palavras e as ideias.

Os dicionários

Os dicionários representam uma ferramenta vital no estudo e exercício dirigido.

Os estudantes devem possuir sempre um exemplar disponível de preferência do mesmo autor. Os dicionários algumas vezes estão em desacordo uns com os outros.

Um parceiro jamais deve tentar definir as palavras, por sua iniciativa, quando põe o estudante no caminho certo; porque isso provoca grandes discussões. Consultai um dicionário.

Respeitem o gradiente

Se o estudante ainda não abordou *as razões que ditam* tal ou tal procedimento, não façam esse tipo de perguntas. É muito importante não fazer passar um exame que sai do quadro dos seus conhecimentos atuais.

COMO PROCEDER A UMA VERIFICAÇÃO

Dar-vos-emos aqui pontos importantes dum texto proposto?

1. As regras, as leis, os teoremas, os axiomas ou as máximas específicas.
2. Os detalhes “práticos”, o método exato empregue.
3. A teoria sobre a qual repousa o fazer.

Tudo o resto (abstração fazei com que o estudante deva conhecer o sentido exato das palavras) é supérfluo. Enquanto parceiro exigi dum estudante unicamente os pontos mencionados mais acima

1. Ele deve conhecer as regras, as leis, os teoremas, os axiomas e as máximas, e ele deve estar à altura de mostrar que o seu significado não lhe é desconhecido.
2. Ele deve conhecer o “fazer” com precisão, sob o angulo das ações a completar e a sua ordem, mas não palavra por palavra (com as mesmas palavras do texto .)
3. Ele deve conhecer a teoria com exatidão, agarrando-se à compreensão do percurso do raciocínio, seu fundamento assim como os dados que aí se religam, mas nunca palavra por palavra .

A data na qual uma obra foi escrita, não tem grande importância e os pormenores desse tipo nunca são exigidos.

Se desejam que um estudante aplique um dia os dados aprendidos, ele deve compreender a fundo o ponto 1), deve poder aprender por experiência o ponto 2), e deve poder julgar o ponto 3) .

Pedir outra coisa não fará senão esmorecer o interesse do estudante e dará um sentimento frustrante à pessoa examinada .

Um parceiro deve controlar o primeiro ponto com exatidão , o segundo com vigilância e ele deve assegurar-se que o estudante comprehende o terceiro. Um parceiro não se deve descartar destes três pontos e perguntar por exemplo a data do Copyright e as primeiras palavras da publicação etc.

As perguntas do exame estranhas ao assunto não fazem mais que retardar o estudante e aumentar a duração do seu curso.

É de notar igualmente que as verificações de textos devem fazer entrar em jogo demonstrações. Para este efeito, sirvam-se de cliques, de elásticos, etc. O parceiro deve fazer perguntas que exijam uma aptidão para *praticar. Ponham o estudante perante uma situação e peçam-lhe para a manejar.*

Consequentemente, sejam ao mesmo tempo tão severos quanto desejarem, mas unicamente no que diz respeito a estes três pontos.

A CAIXA DE DEMONSTRAÇÕES

Cada estudante é suposto possuir a sua própria caixa de demonstrações.

Uma caixa de demonstrações é um conjunto de elásticos , figurinhas, rolhas, cápsulas, cliques, moedas ou todos os objetos que se possam guardar numa caixa à sua escolha. Um saco do trabalho ou uma caixa em cartão servem para o efeito.

Pode utilizar-se uma caixa de demonstrações em todo o estudo, no decurso das suas leituras durante a projeção dum filme, enquanto se ouvem cassetes ou na consulta de um dicionário.

Ela junta massa (quantidade de matéria) realidade e " fazer " (ação e participação) aos significados isto é, ao conteúdo do texto.

Como se servir duma caixa de demonstrações

Retirar os elementos da caixa e servir-se deles como acessórios a fim de demonstrar a matéria que estamos a tentar estudar. Os elementos da caixa representam o que estamos a tentar demonstrar . Ela ajuda a fixar no espírito os conceitos e as ideias.

E assim o conceito de um professor, dum estudante, de um quadro negro adquire mais realidade se se demonstrar com a ajuda de duas moedas e uns cliques. São visíveis e tangíveis.

A DEMONSTRAÇÃO

A demonstração tem como objetivo de desmascarar o estudante bem-falante no decurso das verificações . Se um estudante é incapaz de demonstrar um dado com a ajuda de alguns cliques, é evidente que estamos em face de uma pessoa *volúvel* , capaz de citar frases mas incapaz de pôr em prática um dado.

A solução consiste então em encontrar A RAZÃO pela qual esta pessoa não põe em prática a tecnologia de estudo, depois orientá-la para uma aplicação dos textos, a localizar e a consultar todas as palavras que não compreendeu nos seus materiais, e depois fazê-lo estudar e passar num novo exame.

A caixa de demonstrações : auxiliares de estudo

No caso em que o estudante não consegue de modo algum assimilar o texto que está a tentar a estudar, depois de ter procurado todas as palavras, ele pode servir-se da sua caixa de demonstrações para sair da dificuldade. Isto é deixado a sua inteira descrição.

Os objetos , outros auxiliares de estudo

Existe um outro método de demonstrações que é de longe o melhor quando é aplicado: consiste em mostrar à pessoa a coisa em si . Este método é limitado visto aplicar-se unicamente sobre os objetos que existem atualmente e que são acessíveis.

Se é verdade que podem mostrar a uma empregada uma máquina de lavar, não podem facilmente mostrar-lhe a "verdade".

No entanto, a "verdade" , pode ser objeto de uma demonstração.

ERROS POSSÍVEIS NAS VERIFICAÇÕES DE COEFICIENTE DE ASTERISCO

Eis aqui uma lista de erros que mais frequentemente se encontram nas verificações a 100%.

1. Não reprovar *imediatamente* um estudante que hesita, mas mostrar-se “razoável” e continuar a verificação em curso.
2. Não efetuar sondagens sobre os materiais.
3. Não pedir ao estudante de fazer frases com a palavra, depois de lhe ter pedido para a definir por palavras dele. Perguntem-lhe o sentido da palavra e façam-no utilizá-la em frases da sua invenção.
4. Não saber que um estudante lento de espírito se afunda no vazio que se segue a uma palavra mal compreendida e que um estudante desse tipo se maneja da mesma maneira que um estudante volátil.
5. Não colocar perguntas pondo em jogo a capacidade do estudante *a pôr em aplicação* os dados, e supor que pedir a um estudante para demonstrar ou pedir para aplicar é a mesma coisa. É o ponto principal da verificação, e nunca se deve esquecer , o seu único objetivo .
6. Não meter o estudante para o estudo do seu texto quando é chumbado, mas mostrar-lhe o seu erro e prosseguir a verificação. Agir da mesma forma quando um estudante não sabe uma palavra, reenviá-lo ao dicionário e prosseguir sem lhe ter feito procurar a palavra depois reestudar o texto.

AS VERIFICAÇÕES E AS SESSÕES DE EXERCÍCIO DIRIGIDO RIGOROSAS

O MORAL é tributário da produção.

A PRODUÇÃO é a prova que demonstra a sua competência. Ela é a manifestação ou o exercício da sua competência.

O MORAL DO INDIVÍDUO É ELEVADO QUANDO FORNECE A PROVA DA SUA COMPETÊNCIA.

O MORAL DO INDIVÍDUO É ELEVADO QUANDO A SUA PRODUÇÃO É ELEVADA.

O moral não é inevitavelmente o fruto da indulgência.

Um estudante que passa uma dura sessão de exercício dirigido ou um exame rigoroso, sente-se em plena forma. Ele venceu verdadeiramente uma etapa. Ele *sabe* bem lá no fundo que conhece os dados ou o exercício.

Logo que o treino dirigido e as verificações não são de qualidade e deixam a desejar, o estudante dá-se conta e sabe perfeitamente que o enganaram. Se o seu parceiro faz prova de indulgência, ele não retira nenhum benefício nem aprecia a verificação . Ele está com o moral em baixo.

Para além disso, acontece por vezes que o estudante e o monitor não operam os dois no mesmo sentido; um está , de qualquer forma, em conflito com o outro. ELE NÃO PODE PROVAR A SUA COMPETÊNCIA. E tem o moral a zero.

Os estudantes e os superiores devem resguardar-se bem duma tal situação.

Não deixeis cair o moral e a produção do vosso parceiro. Ele pertence-vos, enquanto monitor, treinar segundo as normas de forma inflexível, a fim de que ele se torne competente, e de o submeter a um exame de qualidade intransigente, afim que ELE SAIBA QUE AFIRMOU A SUA COMPETÊNCIA NA MATÉRIA.

Não é senão pondo o acento na produção e insistir para que os estudantes façam prova da sua competência na aplicação dos materiais, que os supervisores poderão contribuir para elevar o moral dos seus estudantes.

UMA CONDIÇÃO PRÉVIA

Para ter a autorização de fazer um exame de coeficiente com asterisco a um outro estudante , a pessoa que examina deve ter lido (ou ouvido, se se trata duma gravação em cassete) o texto em causa. Ela poderá assim interrogar o estudante sobre a sua compreensão e sobre a sua aptidão a aplicar os materiais.

O ideal será que a pessoa a fazer o exame tenha muitas vezes sido verificada a 100% sobre os materiais. Acontece muitas vezes que isso seja impossível como no caso de dois parceiros inscritos pela primeira vez no curso. Neste caso, os dois parceiros, têm estudam, verificam-se e treinam-se mutuamente, conforme a teoria das verificações recíprocas.

Esse regulamento tem por objetivo aumentar a rapidez e a eficácia das verificações.

3 ENSAIO SOBRE O EXERCÍCIO DIRIGIDO

"O dever do parceiro é de manejar tudo o que reduza ou entrase a progressão do estudante que lhe foi confiado."

L. Ron Hubbard

O EXERCÍCIO DIRIGIDO

Quando um estudante é lento de espírito ou volúvel ou logo que ele sinta dificuldades a assimilar um texto teórico, o seu parceiro submete-o a um *exercício dirigido*.

No exercício dirigido em teoria, o parceiro pede ao estudante que lhe dê a definição de todas as palavras e de lhe dar todas as regras dam parte do texto que lhe ocasionaram dificuldades. Faz-lhe igualmente demonstrar certos dados com a ajuda das suas mãos ou objetos heterogéneos .

Chama-se *monitor* o parceiro que dispensa o treino dirigido e *estudante* o parceiro que beneficia disso.

O exercício dirigido difere inteiramente da verificação. O parceiro que confunde estes dois métodos e que os emprega indiferentemente, parará a progressão do estudante.

Emprego do dicionário

O exercício dirigido necessita que se sirvam do dicionário. O estudante consulta o sentido de cada palavra mal entendida no dicionário e lê a definição em voz alta . Em seguida deve dar ao monitor o significado da palavra, e poder conhecê-lo SEM TER DE RECORRER DE NOVO AO DICIONÁRIO. Depois usa-a em várias frases que devem indicar claramente ao monitor uma compreensão da sua parte.

Acontece que uma palavra muitas vezes tem diferentes sentidos. O monitor deve escolher a que se refere ao contexto. O estudante deve utilizá-la em frases da sua criação a palavra na aceção que tem o termo no texto fazendo o objeto do exercício dirigido.

O exercício dirigido na prática

O exercício dirigido existe igualmente na secção prática deste curso. Os princípios de base do exercício dirigido em teoria estão sempre em vigor com a diferença de que o monitor não ajuda o estudante a apanhar os dados mas sim a aumentar a sua aptidão a realizar tal e tal ação.

AS RESPONSABILIDADES DO PARCEIRO

Um parceiro deve conhecer os métodos que permitem ao estudante progredir rapidamente e com sucesso nos seus estudos. O parceiro deve manejar tudo o que reduza ou entrave os progressos do estudante. Ele põe em ação a técnica de estudo para socorrer o seu par, todas as vezes que é necessário.

Quando intervir?

O parceiro não espera que o seu par adormeça para detetar a presença duma palavra mal compreendida. Ele nunca espera que fique sonolento ou com ar estúpido. Isto está longe de ser um nível de operação ótima.

O estudo deixa de ser proveitoso muito antes do estudante cair na imbecilidade. Sendo assim, é inútil esperar que esteja embotado para manejar enfim a sua incompreensão. Logo que o parceiro constata que o seu par não está tão alerta como há um quarto de hora antes. (trata-se sempre de uma palavra mal compreendida e nunca dum conceito, duma expressão ou de uma ideia mal compreendida).

Método de manejamento

1. Um dos parceiros observa que o seu par fica para trás, perde a sua vivacidade, falta de entusiasmo, demora muito sobre um artigo da folha de controle, ou boceja, está desinteressado, ou ainda perde o seu tempo a desenhar ou a sonhar, etc.
2. O parceiro faz procurar ao seu par mais atrás no texto à palavra mal compreendida. Há sempre uma . Não há exceção à regra. Acontece que a palavra mal compreendida encontra-se duas páginas antes; é sempre anterior à passagem que o estudante está a estudar.
3. Descobre-se a palavra em questão: o estudante ao voltar a trás no texto, consegue identificá-la, o parceiro atuando na qualidade de monitor, pergunta-lhe o significado da palavra que ele poderá eventualmente ter compreendido mal. Nesta etapa, o monitor apanha as palavras do texto que é suscetível de conter o termo mal compreendido e ele está a tento para ver se o estudante dá a definição correta.
4. O parceiro leva o seu par a procurar ,num dicionário, a palavra que encontrou e pede-lhe para a utilizar em voz alta, em várias frases da sua invenção, até que o estudante , demonstrado, com toda a evidência, que assimilou o termo.
5. O parceiro pede ao seu par para ler o texto que continha a palavra mal compreendida. Se o estudante não tiver encontrado ainda a vivacidade de espírito e não se manifestar apressado em continuar, é porque há ainda uma outra palavra mal compreendida mais atrás no texto. As etapas de 2 a 5 permitirão descobri-la.
6. Logo que o estudante está de novo alerta, o monitor manda ler de novo o texto ao seu parceiro a partir da palavra mal compreendida e isto até à passagem que ele não conseguia compreender(isto é a etapa 1).

O estudante estará de novo entusiasmado pelos seus estudos, a menos que as palavras mal compreendidas não tenham sido todas encontradas ou que subsista uma outra anterior no texto. Se é o caso repitam as etapas de 2 a 5 . Logo que o estudante fique entusiasmado, o seu parceiro deixa-o prosseguir os seus estudos.

O EXERCÍCIO DIRIGIDO EM TEORIA

Sobre quê recai o assento em teoria

Na secção teórica de um curso, todo o assento é posto sobre a duplicação e a compreensão dos dados.

Duplicar significa: fazer um duplo exato.

Compreender significa: entender o significado ou o conceito de; aprender pelo conhecimento.

O estudante deve duplicar os dados antes de poder compreender na sua totalidade.

Por vezes tem-se a *impressão* de que o estudante duplica os dados com facilidade. Ele é mesmo capaz de debitar textualmente o que aprendeu. No entanto ele revelar-se-á mais tarde incapaz de passar a ação mesmo tratando-se de uma questão de vida ou de morte. Este tipo de estudante é como uma "cassete". Ora a verdadeira duplicação não consiste jamais em ligar a "cassete". Compreender nunca é produto de um automatismo.

O exercício intitulado "O que entendes por isso" é um dos métodos de treino dirigido que garante a duplicação e a retenção dos dados.

QUE ENTENDES TU POR ISSO

O estudante e o monitor estão sentados um em frente do outro tendo nas mãos um exemplar do texto a aprender.

Primeira etapa

O monitor manda ler o estudante em voz alta, a regra, a definição a frase, ou o curto parágrafo a aprender. (O monitor não deve pedir senão um pensamento completo de cada vez). Quando o estudante acabar de ler o que lhe foi pedido, o monitor acusa-lhe a receção. (Os acusos de receção utilizados são "bem", "bom", "obrigado", "de acordo") *O monitor repete esta etapa até que o estudante leia exatamente o texto.*

Segunda etapa

O monitor faz a pergunta precisa ao estudante "o que é que entendes por isso?" e acusa a receção à resposta do estudante, seja ela qual for. O monitor neste exercício nunca chumba o estudante.

Terceira etapa

Repetir a Etapa 1 e a ETAPA 2 até que o estudante duplique a passagem a aprender em resposta à pergunta "O que entendes tu por isso?". O monitor faz a pergunta ! "Compreendes o que isso quer dizer? ". Se o estudante não comprehende ou não tem a certeza, repitam primeira e a segunda etapas até que o estudante seja capaz de duplicar a passagem e de compreender o sentido.

O monitor aborda o pensamento principal seguinte:

Exemplo da sessão de treino utilizado : "O que entendes por isso?"

MONITOR : Lê em voz alta o Artigo 2 da Declaração dos Direitos do Cidadão

ESTUDANTE : A manutenção duma guarda nacional sendo indispensável para Garantir a segurança dum Estado independente, não poderá impedir o direito do povo de possuir e usar armas.

MONITOR : Bem ."Que entendes tu por isto?"

ESTUDANTE : Bem ...*(pára)* A manutenção duma guarda nacional sendo indispensável para garantir a segurança dum Estado independente, não poderá impedir o direito de o povo possuir e usar as armas.

MONITOR : Obrigado. Compreendes o que isso quer dizer?

ESTUDANTE : Sim

MONITOR : Bem . Lê agora o Artigo 3

ESTUDANTE : Nenhum soldado será, nem em tempo de paz nem em tempo de guerra instalado em qualquer habitação seja ela qual for, sem o consentimento do seu proprietário, e isto não se fará senão conformemente às disposições decididas pela lei. (*O estudante omitiu a expressão "que foram"*)

MONITOR : Bem . Lê mais uma vez .

ESTUDANTE : (*O estudante lê*) ... conformemente às ...Oh! QUE FORAM decididas pela lei.

MONITOR : Obrigado . O que entendes por isso?

ESTUDANTE : (*O estudante lança-se numa explicação*)

MONITOR : (*Logo que o estudante termina*) Obrigado, lê o Artigo 3

ESTUDANTE : (*Ele executa*)

MONITOR : Obrigado . O que entendes tu por isso?

ESTUDANTE : (*Ele dá uma explicação mais curta*)

MONITOR : Obrigado. Lê-o mais uma vez.

ESTUDANTE : (*Ele executa-o*)

MONITOR : Obrigado. O que entendes por isso?

ESTUDANTE : Vamos ver . Nenhum soldado será, seja em tempo de paz seja em tempo de guerra instalado em qualquer habitação seja ela qual for se o proprietário se recusar, e isso não se poderá fazer a não ser com um decreto-lei.

MONITOR : Bem . Que entendes tu por isso?

ESTUDANTE : Nenhum soldado será, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra instalado em qualquer habitação seja ela qual for sem o consentimento, do proprietário e isto não poderá fazer-se senão em conformidade com as disposições que forem decididas por lei

MONITOR : Obrigado. Compreendes o que isso quer dizer?

ESTUDANTE : Sim.

MONITOR : Bem. Lê a primeira parte do Artigo 4

ESTUDANTE : O direito que garante os cidadãos contra qualquer busca, violação do seu domicílio, confisco dos seus papeis ou bens ou ainda contra a encarceração ilícita não poderá ser violado.

MONITOR : Bem . O que entendas por isso?

ESTUDANTE : (Repete a frase)

MONITOR : Obrigado. Compreendes o que isso quer dizer?

ESTUDANTE Sim

MONITOR : Lê o Artigo 4 inteiro .(etc.)

PRECISÃO REQUERIDA NO EXERCÍCIO DIRIGIDO EM TEORIA

O rigor da duplicação requerida é função da importância dos materiais submetidos ao exercício dirigido.

É preciso duplicar as regras e os princípios fundamentais palavra por palavra, e é preciso compreendê-los.

É preciso simplesmente compreender a teoria geral bem como os exemplos apresentados.

Nota : Duplicar fielmente não é um trabalho ou memorização. Isto implica que se assimile exatamente o que se diz.

Se tendes dúvidas sobre a exatidão da duplicação prosseguir o exercício dirigido sobre os mesmos materiais.

Os monitores aperceber-se-ão que certos estudantes levam bastante tempo a assimilar os primeiros textos que fazem o objeto dum exercício dirigido. Não deem grande importância a isso. Efetuem o exercício segundo as indicações dadas e vereis que o estudante aumentará a sua capacidade a duplicar, a compreender e a reter os dados aprendidos . Quanto mais sessões de exercício dirigido mais a sua rapidez de assimilação aumenta.

COMO SER BOM MONITOR ?

Estes princípios de base permitir-vos-ão aumentar a vossa eficácia enquanto monitores.

Guiar com intenção de chegar a um resultado

Quando treinardes um estudante, tende como objetivo acompanhar sem falta o exercício de treino. Façam prova de persistência em conseguir esse objetivo.

Todas as vezes que retificam o estudante enquanto monitor, não o façam senão com uma razão válida, mas corrijam-no com intenção. Tenham em mente que o vosso objetivo é de conduzir o estudante a adquirir uma melhor compreensão da matéria.

Guia com intenção de chegar a um resultado

A vossa intenção de que o estudante se dê conta, no fim da sessão, que ele melhore as suas aptidões em comparação com o início, deve constituir o fundamento do exercício dirigido ao qual o submetem . A vossa intenção é de dar ao estudante o sentimento que ele ganhou uma etapa mesmo sendo pequena.

O vosso objetivo, no decorrer do exercício dirigido, é que o vosso estudante se torne um indivíduo mais completo e que ele adquira uma maior compreensão do exercício.

Não retificar senão uma coisa de cada vez.

Vigiem para que o estudante escale corretamente cada degrau antes de atacar o seguinte. À medida que ele se torna mais apto a fazer um exercício particular ou uma das etapas dum exercício, exigi, enquanto monitor , um nível de capacidade mais elevado. Isto não quer dizer no entanto que jamais se devem mostrar satisfeitos, mas que um indivíduo é sempre suscetível de melhorar. Logo que tenham atingido um certo nível mais elevado

CONSELHOS AOS MONITORES

Além de exercerem o papel de monitores, sois em primeiro lugar responsáveis pelos resultados obtidos pelo estudante.

Assegurem um bom controlo

Assegurem-se sempre de exercer um bom controle sobre o estudante e de lhe dar boas diretivas.

É sempre necessário ter em vista uma boa técnica de treino melhor e mais precisa. Não se permitam jamais negligenciar um estudante; fornecer-lhes-iam um mau serviço e é muito provável que não queiram que vos façam a mesma coisa.

Jamais imitam uma opinião tal como " a meu ver ", ou " bem talvez esteja errado mas ..." etc., mas formulai sempre as vossas instruções sob forma de afirmação direta.

Se nunca duvidam da exatidão do que fazem ou do que faz o estudante , dirijam-se ao supervisor que vos ajudará com os seus conselhos.

Manejar as rationalizações.

Acontece de vez em quando que o estudante se põe a justificar e a rationalizar os seus actos , principalmente quando comete erros, e que ele nos explique as causas e motivos do seu comportamento. Demorar-se nas justificações que ele dá não leva a lado nenhum. A única solução que permite realizar os objetivos que se propõem atingir e de resolver todas as divergências do ponto de vista, é o de executar o exercício . Realizar-se-á com frutos pela ação do que pela discussão .

Acusar a receção

A maior parte das pessoas esquecem muitas vezes um fator que tem a sua importância : Logo que um estudante executa corretamente o exercício, ou que faça um bom trabalho numa etapa particular, é preciso anunciar-lho. E mais importante elogiar o estudante que retificar os seus erros.

A autovigilância.

Chumbar invariavelmente o estudante quando ele se repreende duma maneira ou de outra, isto é quando exerce sobre si mesmo as funções de monitor. Exemplo : O estudante diz ao monitor : "Tu devias chumbar-me ".

Reprova-se um estudante que se arma em monitor, para o impedir de se introverter, de dar muita atenção ao que faz e a forma como ele faz as coisas, mais que simplesmente fazê-las.

A quê estar atento

Enquanto monitor, mantenham a vossa atenção sobre o estudante e sobre a forma como ele progride. Não ponham muito interesse naquilo que fazem de modo a negligenciar o estudante e a não se dar conta da sua aptidão ou incapacidade a executar corretamente o exercício.

É fácil tornar-se “interessante”, aos olhos do estudante, de o fazer rir e agitar-se. A vossa tarefa principal de monitor consiste em estar atento a que o estudante possa sempre melhorar a sua compreensão e a sua aplicação ao assunto. Estes dois temas devem ser objeto das vossas preocupações .

Os progressos do estudante são, numa larga medida , determinados pela qualidade do exercício dirigido que recebeu. Um monitor qualificado forma os estudantes que sabem pôr em prática o que aprenderam.

4 ENSAIO SOBRE A SUPERVISÃO DO CURSO

"Os estudantes constituem o elemento essencial do curso".

"Os supervisores não intervêm senão para retificar os erros dos estudantes e para remediar toda a situação não ótima que possa surgir"

L. Ron Hubbard

O QUE É UMA FOLHA DE CONTROLO

Uma folha de controle é um formulário que precisa, artigo por artigo, a ordem exata dos dados que o estudante deve assimilar e as ações que ele deve executar num curso. Ela ordena todos os materiais do curso e estabelece a ordem , a qual se deve estudar.

Nos espaços brancos reservados para este efeito, face a cada artigo, o estudante ou a pessoa que o tenha examinado anote as suas iniciais assim como a data, atestando deste modo que estudou bem e com sucesso cada artigo.

A folha de controle constitui o programa que o aluno deve seguir a fim de ser diplomado.

É facultado a cada novo estudante inscrito uma folha de controle por dia, à qual ele não adiciona nada, o curso uma vez começado. É-lhe apresentada na forma final.

A ordem a seguir

Devem-se estudar os dados do curso e executar os exercícios *na ordem indicada pela folha de controle*. Não é permitido ao estudante saltar dum texto para o outro ou de estudar os materiais como muito bem lhe apetecer. Os materiais da folha de controle estão classificados na ordem correta, de modo a que o estudante possa tratá-los segundo um seguimento lógico.

Há uma outra , descoberta que o facto de seguir a ordem precisa da folha de controle tem como efeito disciplinar o estudante e de o assistir no seu trabalho.

As iniciais do estudante têm a função de atestação

Ao colocar as iniciais em frente dum artigo de coeficiente 0 , o estudante atesta que ele o conhece em pormenor . É que ele é capaz de aplicar os materiais em questão ou que ele executou e que está à altura de fazer o dito exercício. As iniciais do supervisor ou de um outro estudante em frente a um artigo de coeficiente com asterisco tem função de atestação e certifica que se fez ao estudante em questão uma verificação a 100% desse artigo e que ele passou.

O supervisor DEVE proceder à inspeção das folhas de controle durante as horas do curso a fim de se assegurar que todos os estudantes respeitam a ordem prescrita e que os seus progressos são satisfatórios.

A SUPERVISÃO DO CURSO DE ESTUDOS

Este curso é dirigido por um supervisor que tenha tido, uma formação completa sobre os métodos de ensinamento apresentado neste curso.

O papel do supervisor

O supervisor não é suposto “ensinar” nem propriamente falar. É suposto vigiar a assiduidade dos estudantes, fazer a chamada, verificar o trabalho dos monitores e o bom emprego da técnica sobre as verificações; estar alerta aos indícios reveladores das palavras mal compreendidas e manejar a dificuldade. Ele tem também como tarefa satisfazer as perguntas dos estudantes referenciando-as à fonte dos dados postos em questão.

O supervisor que interpreta os textos em resposta às perguntas dos estudantes, gasta o seu tempo e conduzirá finalmente o curso a perder. O supervisor não é um “instrutor”. É a razão pela qual ele tem o título de supervisor.

A atuação que se espera dum supervisor é o de ser capaz de reparar os estudantes sonolentos, os que bocejam, aqueles que apresentam outras manifestações de palavras mal compreendidas, e de os remeter ao caminho certo, não de conhecer os dados, não de conhecer os dados afim de os poder transmitir aos estudantes.

O supervisor deve fazer uma ideia das perguntas que os estudantes fazem duma maneira geral , e poder referenciá-los nos materiais correspondentes .

Os estudantes param unicamente um curso depois de uma acumulação de palavras mal compreendidas. Um supervisor competente não perde um só estudante. Ele impede essa eventualidade, antes que ela surja observando a incompreensão do estudante, antes de ele se aperceber conduzindo-o até à fonte .

A tarefa do supervisor

A tarefa do supervisor é a de fazer terminar ao estudante, rápida e integralmente, a sua folha de controle com o mínimo de tempo perdido.

O supervisor que consegue é exigente. Não é uma tarefa fácil. Ele fixa cada dia alvos elevados a cada estudante e estimula-os a atingi-los, doa a quem doer ... !

O supervisor consagra aos estudantes “minutos” do tempo precioso de que ele dispõe. Ele está atento a que os estudantes empreguem “as suas horas de estudo”, e visto que eles não dispõem que de um certo número, ele utiliza-as com discernimento e evita gastá-las.

A secção de repescagem

Quando um estudante está continuamente embrulhado e não atinge o alvo de pontos fixados pelo supervisor, este último não gasta o tempo precioso de que dispõe a socorrê-lo. O estudante embrulhado recebe uma instrução especial na *secção de repescagem* do curso. Esta secção tem como objetivo de cercar e de resolver as dificuldades as quais paralisam o estudante. Feito isto, ele continua o curso.

Os estudantes

Os estudantes são o elemento essencial e decisivo do curso.

Se o supervisor conduz o seu curso de acordo com as regras preconizadas neste ensaio e não se distrai com bagatelas, se ele o dirige de forma inflexível e intransigente, segundo um horário restrito, ele terá um curso pleno, em plena expunção e coroado de sucesso. Se ele se descarta destes princípios, ele verá os estudantes a amontoar-se na sala de aula, abandonar os seus estudos e ele formará diplomados sem competência.

O produto final válido deste curso é UM ESTUDANTE QUE SABE COMO ESTUDAR E QUE SABE UTILIZAR O QUE ESTUDOU.

AS FOLHAS ROSA

As folhas rosas são facultadas pelo supervisor do curso ou o *encarregado da secção de repescagem* (supervisor da secção do curso que dá uma instrução especial ao estudante que é lento ou que reprovou nos seus exames).

Distribui ao estudante uma folha rosa logo que ele não possui um conhecimento que ele deveria ter assimilado anteriormente.

O que é uma folha rosa

Redige-se uma folha rosa sobre um papel normalizado. Escreve-se na coluna da esquerda a tarefa atribuída: ensaio, exercício ou demonstração etc. A coluna seguinte é reservada às iniciais do parceiro que desempenha a função de monitor e treina o estudante e a coluna seguinte é a do parceiro que fez a verificação.

A última coluna da direita que preenche mais de metade da página é reservada às observações do supervisor que anota aí os erros cometidos pelo estudante. Esses erros permitirão determinar a tarefa atribuída ao estudante

O cimo duma folha rosa apresenta-se como se segue :

Tarefa	Exercício	Verificação	Erros observados
Dirigido		cação	

Preenche-se e entrega-se esta folha rosa ao estudante que executa sem demora e com rapidez a tarefa que lhe foi atribuída, sem no entanto estudar superficialmente e que se veja submeter a um treino dirigido e a uma verificação apoiada sobre as lacunas. Depois que o parceiro assinou as duas colunas do centro, a folha rosa é remetida ao supervisor e o estudante continua a estudar a sua folha de controle.

O princípio da folha rosa

A folha rosa parte do princípio segundo o qual o estudante é tido responsável de todos os materiais que estudou anteriormente no curso. No caso em que ele se revele incapaz de aplicar um qualquer dos textos estudados, é-lhe entregue uma folha rosa que remedia de uma forma rápida e precisa a situação.

Exemplo

O estudante está a tentar encontrar uma palavra no dicionário e ele confunde os termos contidos na definição. O supervisor remete-lhe uma folha rosa indicando-lhe reestudar o ensaio intitulado “ A arte de se servir do dicionário” . Um estudante faz um exercício dirigido depois um controle sobre esse texto e consulta de novo o dicionário.

Cada supervisor deverá ter uma quantidade suficiente de folhas rosa de reserva. O seu emprego contribui para um treino rápido e preciso.

AS VERIFICAÇÕES PELO SUPERVISOR

As únicas verificações que faz o supervisor são as que se relacionam com os materiais que tratam do método e da tecnologia da verificação.

O supervisor de curso está atento a que os seus estudantes sejam capazes de operar uma verificação com grande competência . Ele designa os parceiros e controla a qualidade das suas verificações.

Se eles são excelentes, ele não intervém, se eles necessitam uma correção, ela examina os estudantes sobre os textos tratados da técnica de verificação e relativos às fraquezas que ele descobriu.

Os textos que contêm a forma de proceder de controle são os únicos materiais que o supervisor verifica pessoalmente.

O supervisor deve estar atento às violações das regras relacionadas com as verificações. As trocas que ele tem com os estudantes permitir-lhe-á pôr essas lacunas em evidência e na mesma ocasião, pôr em dia e manejar outras deficiências.

O supervisor vai e vem continuamente na sala de aulas. Ele verifica até onde os estudantes chegaram nas suas folhas de controle. Ele procede à sondagem sobre os textos estudados até ali. O parceiro do estudante chumbado submete-se igualmente a um controle sobre o dito texto. O estudante que transgride a tecnologia da verificação dá-se-lhe uma folha rosa.

O supervisor soluciona os controles incorretos dos estudantes remetendo-os ao estudo dos materiais que tratam do assunto, não tomando ele mesmo a verificação de todos os textos do curso .

O supervisor toma todas as medidas a fim de se assegurar que as verificações são competentes , eficazes e estritamente conforme aos ensaios sobre a questão

AS CORREÇÕES PELO SUPERVISOR

Quando não há nada a desejar e os estudantes progridem de forma satisfatória, o supervisor não procede a nenhuma retificação .

Assim, por exemplo, interromper ou retificar dois estudantes que se verificam ativamente e que não param sobre nenhuma dificuldade será um erro de supervisão.

Inversamente, ver um estudante que tem um ar maçado, ou uma sessão de exercício dirigido que não progride nada e não faz NADA para resolver a situação, será uma falta de supervisão.

O supervisor não vai em socorro de um estudante logo que os seus *pontos* obtidos (estatística do estudante), a sua expressão, ou o seu comportamento, traduzam necessidade de ajuda.

A não observação destes princípios trava a progressão dos estudantes

O interesse testemunhado pelo supervisor

Um supervisor deve mostrar que tem interesse no progresso dos seus estudantes .

Ele manifesta interesse aos seus alunos ao constatar os seus progressos, ao notar as suas realizações, e ajudando-os a compreender as passagens difíceis.

O interesse dado aos estudantes é útil e nunca deve esmorecer .

OS PONTOS NO ESTUDO

Utiliza-se neste curso um *sistema de pontos* a fim de permitir aos estudantes de medir com precisão os seus progressos.

O sistema em si é fundamentado 1) sobre a duração que exige o estudo dum assunto particular, e 2) sobre o tipo de ação relacionada. Por consequência , Há mais vantagens em pôr o acento sobre o lado prático, que sobre o lado teórico, sendo dado que o objetivo do estudo é a aplicação.

TODOS OS PONTOS DEVEM SER MERECIDOS.

Somente os artigos que figuram na folha de controle são contabilizados.

O sistema de pontos tem em conta o facto de o estudante possuir e estar à altura de aplicar todos os dados para os quais ele se atribui os pontos:

AÇÃO DE ESTUDO

Procurar uma palavra do texto no dicionário e defini-la (o estudante não deve contar pontos pelos termos que ele procura quando estes fazem parte da definição da primeira palavra consultada)	3
Estudar uma página de texto de coeficiente 0	1
Fazer uma verificação de coeficiente de asterisco sobre uma página do texto.	3
Demonstrar em plasticina (os pontos não são dados no ativo do estudante senão na medida em que ele executou com precisão segundo o ensaio intitulado: " O treino na mesa de modelar". A demonstração deve ser de dimensão suficiente e deve mostrar o que pretende representar.)	25
Redação de um ensaio	25

Uma hora de rotina de treino 0 ou de TR0 com provocação. (Estes exercícios de treino são objeto duma descrição posterior neste texto)	40
Conseguir a rotina de treino de 0 ou de TR0 com provocação (sem chumbar, sem mexer as pálpebras, sem contrações ou ter os olhos vermelhos ou lacrimosos etc.) (a juntar)	100
Qualquer outra rotina de treino (Por toda a série de 10 ações consecutivas conseguidas; o estudante deve sempre saber praticar a rotina anterior).	50
Conseguir uma sessão de exercício dirigido de assimilação ou todo e qualquer exercício destinado a adquirir conhecimentos	25
Treinar um estudante com sucesso (e cumprir as rotinas de Treino, os exercícios de aprendizagem etc.) os mesmos pontos que o estudante por estes exercícios treinar sem sucesso um estudante	0
Operar uma verificação (que o estudante tenha recebido ou chumbado)	5

OS RELATÓRIOS SEMANAIS DOS ESTUDANTES

Cada estudante tem de redigir um relatório semanal sobre o formulário seguinte.

Imprimam o nome do estabelecimento escolar no cimo dos formulários antes de os polípicar.

O supervisor deve comunicar com os estudantes a fim de resolver todo o problema ou dificuldade que se encontre no formulário.

Ele não deve incriminar um estudante que lhe comunicou uma dificuldade, mas deve manejá-la de forma definitiva.

RELATÓRIO SEMANAL DO ESTUDANTE

Nome do estudante----- DATA -----

Nível do curso ----- Secção do curso m -----

O que aprendi

O que observei

O que gostei menos

O que eu penso do curso

O que penso da folha de controle

O que penso dos dados do curso

Sugestões e comentários

Os pontos obtidos na semana anterior -----

Os pontos obtidos nesta semana -----

O total dos pontos obtidos até agora -----

Assinatura completa do supervisor -----

5 VOLUME II

FOLHA DE CONTROLE N.º 2 DO MANUAL BASE DE ESTUDO

Nome do estudante _____

Data de começo _____

Estabelecimento de estudo _____

Data da terminação _____

Condição prévia

A admissão neste curso é subordinada no êxito do aluno no estudo da FOLHA DE CONTROLO Nº1 DO MANUAL BASE DE ESTUDO, acompanhado de uma atestação do aluno, a assinatura do supervisor do curso fazendo fé

SECÇÃO I – AS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA

(Capítulo 6)

- * Treino na mesa de modelar -----
- * As dimensões das demonstrações em plasticina -----
- * O controle das demonstrações em plasticina -----
- * Os erros nas demonstrações em plasticina -----
- * Demonstrar em plasticina o objeto das demonstrações em plasticina -----

SECÇÃO II – OS GRADIENTES

(Capítulo 7)

- 0 Os gradientes -----
- 0 O ensinamento por gradientes -----
- 0 O grau de dificuldade necessário -----
- 0 Confrontação e gradientes -----
- 0 A confrontação duma folha de papel -----
- * Ensaio : O paralelismo entre confrontar e estudar com sucesso. -----

SECÇÃO III – A TEORIA DA COMUNICAÇÃO

(Capítulo 8)

- 0 A comunicação e o estudo -----
- * A fórmula da comunicação -----
- * O acusar de receção -----
- * Demonstrar em plasticina a fórmula de comunicação -----

- 0 O axioma sobre a comunicação -----
- 0 A comunicação nos dois sentidos -----
- * Exercício de aplicação : Observar primeiramente pessoas que comunicam entre elas, depois observar pessoas que não comunicam bem, e constatar porque é que a sua comunicação é imperfeita. Observar em seguida pessoas que comunicam bem e notar em quê a sua comunicação é eficaz. Escrever as observações feitas e remetê-las ao supervisor . (25 pontos)

SECÇÃO IV - O PÔR EM PRÁTICA A COMUNICAÇÃO

(Capítulo 9)

- * Introdução a pôr em prática a comunicação -----
- 0 A aplicação da rotina de treino -----
- 0 O valor da atenção e da confrontação -----
- * Exercício de aplicação : Observai pessoas dotadas dumha boa confrontação numa esfera qualquer da sua vida. Escrevam exemplos encontrados e remetam-nos ao supervisor (25 pontos) -----
- * Rotina de treino 0 -----
- * Exercício prático : Confrontações de olhos fechados -----
- * Exercício prático : Confrontação -----
- * Exercício prático confrontação com provocação -----
- * O valor da intenção
 - Exercício de aplicação : Tomai nota de pessoas que fazem prova da intenção numa esfera qualquer da sua vida. Escrevam os exemplos observados e remetam-nos ao supervisor (25 pontos) -----
- * Rotina de treino 1 -----
- * Exercício prático : Alice no País das Maravilhas -----
- * O valor do acusar de receção -----
- * O acuso de receção e o estudo -----
- * Rotina de treino 2 -----
- * Exercício de aplicação : Os acusos de receção -----
- * Como obter uma resposta à vossa pergunta -----
- * Rotina de treino 3 -----
- * Exercício de aplicação : A pergunta duplicativa -----

SECÇÃO –V –A FORMAÇÃO

(Capítulo 10)

- * O exercício de assimilação -----
- * Exercício de aplicação : O exercício de assimilação -----
- 0 Alguns concelhos -----
- 0 A ciência -----
 - Aprender o essencial -----
- * Ensaio : Faz uma lista de tudo o que não representa importância neste curso. Numerem cada elemento descoberto. Continuem até que se sintam bem. -----
- * Exercício de aquisição de conhecimentos -----
- * Exercício de aplicação : Primeiro exemplo -----
 - Segundo exemplo -----
 - Terceiro exemplo -----
- 0 Autoridade e acordo -----
- * Avaliação dos dados -----
 - Demonstração em plasticina : Método de avaliação pondo em jogo a descoberta dum dado de grandeza comparável -----
-
- 0 Os fundamentos -----
- 0 Informação à vossa intenção -----
- * Ensaio : A forma pela qual aplicaram nos outros cursos o que aprenderam nesta secção -----

SECÇÃO VI – RECAPITULAÇÃO

O supervisor faz uma verificação ao estudante de coeficiente de asterisco sobre os materiais estudados até esse dia. O supervisor escolhe os textos ao acaso. O estudante fica sujeito a uma folha rosa por todos os textos que não sabe e tem que reestudar em companhia do seu parceiro ou do encarregado da secção de repescagem . (Logo que ele reestudou os textos em questão, é-lhe dada outra verificação a 100% pelo supervisor).

Atesto ter estudado inteiramente todos os materiais da FOLHA DE CONTROLO DO MANUAL BASE DE ESTUDO ,PARTE II; ter procurado no dicionário todas as palavras as quais não tinha compreendido perfeitamente o sentido; ter feito todos os ensaios e exercícios requeridos e passado em todas as verificações ; e não ter nenhuma dúvida relativamente aos materiais.

Na minha qualidade de monitor eu mostrei as mesmas exigências com o meu parceiro. Examinei-o e treinei-o sem compromissos a fim de ele compreender na integra os materiais do curso , Eu sou capaz com toda a honestidade de pôr em prática na totalidade de pôr em prática na totalidade, a tecnologia de estudo apresentada nesta folha de controle. Este atestado é igualmente válido para o meu parceiro depois da minha avaliação e da sua.

Assinatura do estudante ----- Data -----

Atesto não ter cessado de utilizar com este estudante toda a gama de tecnologia de supervisão dum curso, seguindo à risca todos os aspectos do texto. Assegurei-me que ele satisfez todas as condições desta folha de controle, que ele não tem palavras ou símbolos mal compreendidas e pode aplicar a tecnologia de estudo tal como é apresentada aqui; e que ele examinou e treinou o seu parceiro de modo a atingir o mesmo nível de competência

Assinatura do supervisor ----- Data -----

FIM DA FOLHA DE CONTROLO

6 ENSAIO SOBRE AS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA

*"As demonstrações em plasticina têm como objetivo de:
tornar os materiais que estudam concretos ao estudante,
ao fazer-lhe demonstrar com a ajuda da plasticina; dar
um contrapeso adequado de massa à significância;
ensinar ao estudante a pôr em prática os textos estudados "*

L. Ron Hubbard

O TREINO NA MESA DE MODELAR

- O SEU OBJETO:
1. Tornar os textos estudados mais reais para o estudante.
 2. Obrigando-o a demonstrar em plasticina.
 3. Ensinar ao estudante a passar à ação

Etapas do treino na mesa de modelar

Dá-se ao estudante , uma palavra, uma ação ou uma situação para demonstrar. Ele representa-as em plasticina rotulando cada elemento. A plasticina MOSTRA o que é. Não se trata duma bola de plástico cheia de etiquetas. Utilizem pedaços pequenos de papel à laia de etiquetas. A demonstração inteira tem igualmente uma etiqueta global indicando o que ela representa.

Para a verificação, o estudante retira esta etiqueta global e aguarda. O supervisor, o parceiro ou o encarregado da secção de repescagem faz a função de examinador, não devendo nunca fazer nenhuma pergunta.

O examinador olha simplesmente a plasticina e determina o que ela representa. Depois ele pede ao estudante que lhe mostre a etiqueta. Se o examinador não encontrou o que ele exprimia, o estudante é chumbado.

Não se devem reduzir as demonstrações em plasticina a significações puras colocando etiquetas longas sobre os diferentes elementos da demonstração. É a plasticina e não a etiqueta que mostram o que é.

A plasticina representa aquilo de que se trata. O estudante deve aprender a fazer distinção entre massa e significação.

Exemplo

O estudante tem que representar um lápis. Ele modela um rolo fino de plasticina que ele envolve com outra camada; o rolo fino saído ligeiramente numa das extremidades: A outra extremidade é guarnevida dum pequeno cilindro de plasticina. O rolo é etiquetado com " mina ", o cilindro, "borracha ". Depois o estudante redige uma etiqueta para o objeto inteiro marcado " lápis ". No momento da verificação, ele retira esta última etiqueta antes do examinador ter tempo de a ler. Se este último ao olhar a plasticina declarar: " trata-se de um lápis ", o estudante passou.

O objetivo é de aplicar

Como se disse anteriormente, é necessário, logo que se procede às verificações, de exigir uma demonstração dos textos. Utilizem para este efeito cliques, elásticos, etc. O examinador deve fazer perguntas que ponham à prova a capacidade de *pôr em prática*. Ponham o estudante face a uma situação, e peçam-lhe para explicar como ele a resolveria.

Pergunta do estilo " O que diz a regra A ? " não descobre o estudante volúvel. Explicações elaboradas figurando sobre a demonstração em plasticina conduzem a significações, não ensina ao estudante a traduzir uma ideia dos factos, recusa-lhe um equilíbrio adequado entre massa e significação, e não dissipam as suas confusões.

Devem fazer-se todas as verificações tendo em mente que o objetivo de estudo é de aplicar os textos, não é unicamente terminar com uma folha de controle.

Se o treino de plasticina não anima o estudante, é porque as regras cujo emprego preconizamos não foram observadas e que a precipitação de um ou outro estudante ultrapassou o estudo *real*/que se viu negligenciado em proveito da rapidez.

O estudante é obrigado a SERVIR-SE dos materiais que estudou. Não o deixeis "partir o nariz " por culpa de fracas demonstrações. Uma demonstração em plasticina feita nas regras de arte, que mostre do que se trata produzirá mudança prodigiosa no estudante que graças a ela, assimilará os dados.

AS DIMENSÕES DAS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA

Um dos objetivos do treino em plasticina é de aumentar a realidade do estudante relativamente ao que demonstra. Por consequência, as dimensões da demonstração podem ter a sua importância.

Se a demonstração é muito pequena (falta de massa), a realidade do elemento demonstrado baixará e , com ela, a afinidade. Por conseguinte advirá daí menos compreensão (ver definição de compreensão no léxico).

A demonstração deve ser de dimensões bastante importantes. Uma altura de três a cinco centímetros para as figuras em plasticina é geralmente insuficiente.

Quanto mais a demonstração se aproxima do original e das suas dimensões mais a compreensão do estudante aumentará.

O CONTROLE DAS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA

Todo o supervisor, parceiro, ou encarregado da secção de repescagem, que examina a demonstração dum estudante, deve assegurar-se de que a demonstração denota uma compreensão denota uma compreensão efetiva do texto representado.

Se a demonstração não foi executada corretamente ou se não mostra o que é necessário representar , a pessoa que examina deve chumbar o estudante.

Ela deve também expor as razões pelas quais ele foi chumbado, referenciando nos textos em questão.

A pessoa que verifica uma plasticina nunca deve citar como exemplo a demonstração em plasticina dum determinado estudante, ou tomar como modelo a demonstração executada por um outro, como exemplo do que é preciso evitar ,

As demonstrações dos estudantes são todas únicas no seu género, na sua forma de apresentar os dados. O importante é que a demonstração mostre concretamente os dados e denote a compreensão do estudante. Uma demonstração em plasticina é uma criação pessoal do estudante, e o supervisor deve valorizar altamente o trabalho do aluno na medida em que a plasticina foi executada corretamente Uma demonstração em plasticina não é matéria de exposição.

A única preocupação do verificador é que o estudante tenha duplicado os elementos do curso; A demonstração individual testemunhará ou não a sua compreensão.

OS ERROS NAS DEMONSTRAÇÕES EM PLASTICINA

Acontece que os estudantes ao executarem as demonstrações em plasticina, cometem o erro de não colar sobre cada elemento a etiqueta apropriada Á MEDIDA QUE OS MODELAM.

Eis aqui o procedimento correto a seguir: O estudante modela um elemento e depois etiqueta-o ; modela um outro e etiqueta-o ; ele faz um terceiro e põe uma etiqueta em cima; e assim sucessivamente, segundo uma sucessão ordenada.

Este procedimento tem origem no princípio segundo o qual o estudo ideal exige um equilíbrio igual entre massa e significação e que uma desproporção duma destas duas quantidades pode suscitar no estudante um sentimento de mau estar.

O caminho a seguir é de etiquetar à medida que se faz cada massa..

Cada massa diferente *deve* ser igualmente ser encimada duma etiqueta.

7 ENSAIOS SOBRE OS GRADIENTES

"O grau de complexidade é diretamente proporcional ao grau de não confrontação."

"O estudo é um sucesso de aptidão e de certezas adquiridas por gradiente."

L. Ron Hubbard

OS GRADIENTES

Gradiente é um termo que designa uma inclinação ou um declive que se torna cada vez mais abrupto.

No estudo, este termo de " gradiente " serve-nos para designar o ordenamento sucesivo, do mais elementar ao mais complexo, de factos específicos de um assunto.

O ENSINAMENTO POR GRADIENTE

Exemplo

Admitamos que querem ensinar a nadar a alguém. O primeiro passo consistirá talvez em mandar-lhe olhar para a piscina.

As ações tornar-se-ão em seguida cada vez mais complicadas. Poderão entre outras coisas mandar-lhe ler um tratado de natação, e mandar-lhe meter um pé na água em segundo lugar, depois um pé e uma perna e mergulhar até à cintura.

No caso de a pessoa ficar imobilizada numa destas etapas voltar à etapa anterior . Suponhamos por exemplo, que o indivíduo não possa entrar na piscina até à cintura ; façam-no molhar o pé e a perna até que ele se sinta à vontade ; depois tentem fazê-lo entrar na água até à cintura. (Será necessário talvez percorrer de novo o caminho no sentido inverso e de lhe fazer meter um pé na água, a fim de se assegurarem que não há nenhuma incerteza a respeito desta primeira etapa.)

Adquirir certezas em cada etapa

Pode cometer-se o erro de não se desenvencilhar, numa primeira etapa, o degrau apropriado. Se, como no exemplo mencionado acima, o aluno experimenta dificuldades a confrontar a piscina , é possível mandá-lo confrontar uma banheira cheia de água.

O ponto essencial é que a pessoa deve adquirir a certeza de uma ação dada, sem que a próxima a faça fracassar. Se ela tem a mais pequena confusão ou a menor incerteza a respeito duma etapa, sofrerá um fracasso na próxima.

Como descobrir o gradiente saltado ?

Para descobrir o gradiente que foi saltado, voltem à escala que procure as dificuldades do aluno. Depois voltem à etapa precedente onde ele ainda fazia bem ; encontrarão aí qualquer confusão. Ser-vos à necessário ir à etapa precedente para descobrir que a sua confusão era ainda mais elementar.

Uma vez a confusão ou incerteza primordial contornada, o estudante dedica-se a resolvê-la com exercícios até se sentir bem à vontade , depois prossegue em frente.

Cada estudante pode progredir com toda a certeza num assunto, qualquer que ele seja , desde que ponha em prática os dados sobre os gradientes

GRAU DE DIFICULDADE NECESSÁRIO

Para que um estudante "descole" em todo o assunto, é-lhe preciso , em qualquer parte, uma pista de descolagem ou uma graduação apropriada.. Não é preciso que ela seja tão longa que multiplique inutilmente os riscos de frustração, nem que seja tão curta que faça elevar o estudante de forma abrupta, de modo a mergulhar na confusão total.

Pista de descolagem muito longa

Quanto mais se prolonga a formação tornando a abordagem de um assunto difícil, mas as probabilidades são fortes de nunca mais poder apanhar o seu voo

O número de frustrações eventuais é diretamente proporcional à abordagem longa.

Um exemplo levado ao extremo consistiria a ensinar aos estudantes cursos de tricô, durante três anos, antes de lhe ministrar cursos de pilotagem . Esta condição inútil conduzirá ao desaparecimento da tecnologia, formar-se-ão um número mínimo de pilotos de aviação.

Pista de descolagem muito curta

A abordagem inversa que consiste em " lançar-se à água " conduz igualmente ao desastre. A progressão é também tão rápida e a subida tão abrupta que conduz o estudante a saltar etapas que põe a confusão no seu espírito e expõe-no a frustrações.

Um exemplo chocante deste erro será o de exigir, de um piloto em formação de voo, sem instrutor logo na primeira lição de pilotagem. Um número reduzido de pilotos sairá das escolas se se recorresse a um tal processo.

A formação é o processo que consiste simplesmente em assegurar que se acaba por ver uma coisa e que se aborda segundo um processo de familiarização, aumentando a compreensão do assunto no seu próprio ritmo e segundo a graduação apropriada

CONFRONTAÇÃO E GRADAÇÃO

A primeira condição prévia ao estudo de qualquer assunto é a capacidade de confrontar os diversos componentes (elementos, partes, divisões) do mesmo assunto.

Todas as palavras mal compreendidas, todas as confusões, todas as omissões e todas as alterações num assunto tem como base a incapacidade ou a repugnância a confrontar

A diferença entre um bom mecânico e um mau ,mecânico é cm certeza função da solidez dos seus estudos e da sua prática , no entanto o fator fundamental que determina se, sim ou não, a pessoa vai estudar e aplicar o que estudou, é a capacidade de confrontar os componentes do estudo e da mecânica

O estudante vivo de espírito - e entende-se por isto o estudante que assimila rapidamente ou que aprende um assunto com facilidade possui uma grande capacidade de confrontar o assunto.

Numa profissão perigosa tal como a de domador, aquele que pode confrontar os animais selvagens vive; aquele que não pode fazer face a isso tem percepções muito lentas para chegar a velho.

Para tomar um tipo de trabalho mais corrente, a dactilografia rápida pode, antes de tudo , confrontar o estudo e a batida, enquanto a dactilografia lenta nunca consegue nem chega a fazer isso.

Podem dissipar-se em grande parte as confusões que existem a respeito do " talento", dos "dons" e outras disposições similares quando se conhece o papel jogado pela capacidade de confrontar.

O essencial é finalmente de poder estar simplesmente lá, em face dum assunto seja ele qual for . É então que se pode adquirir a capacidade de comunicar com o assunto a fim de o conduzir a bom termo.

Por conseguinte, antes de poder realmente entrar em relação com os componentes dum assunto, é preciso poder *estar* lá, à vontade, face aos seus componentes.

O poder depende da capacidade de manter a sua posição. Para comunicar, é preciso ser capaz de ocupar uma posição.

Este dado pode verificar-se no universo físico. A menos que consigam manter a vossa posição junto duma cadeira não conseguirão deslocá-la. Se não acreditam tentem a experiência

A capacidade para comunicar precede então a capacidade para manejar, e antes que se possa manejar , e antes que se possa comunicar com qualquer coisa , deve ser-se capaz. de *estar* perto dessa coisa.

O eterno enigma posto por certos estudantes que obtêm menções e que, de seguida , revelam-se incapazes de *aplicar* o mais pequeno átomo de dados , encontra a sua resolução neste princípio da confrontação. Esses estudantes podem confrontar o seu manual, o curso. e o pensamento, enquanto eles não tenham ainda adquirido a capacidade de *confrontar* o assunto no que ele tem de *concreto*

Não nos resta menos que esse tipo de estudante, prolixo percorreu já metade do caminho visto que ele pode pelo menos confrontar manuais, folhas e pensamentos.

Doravante, tudo o que lhe resta a fazer é de confrontar os elementos tangíveis aos quais o assunto se aplica e ele estará à altura de pôr em prática o que ele sabe.

Alguns estudantes jamais tiveram a oportunidade de ser "brilhantes". Eles devem ainda elevar-se pelo seu trabalho ao nível onde eles podem ir, na presença dos seus manuais, dos seus policopiados, da aula e do professor.

A *confrontação* é no fundo a capacidade de estar lá, à vontade e a aperceber-se das coisas.

Produzem-se reações surpreendentes no indivíduo que faz um esforço consciente para o conseguir. Sentimento de peso, perturbação na percepção, sensação de estar na barafunda, sonolência e mesmo dor, emoções e espasmos podem manifestar-se logo que se disponha com todo o conhecimento de causa *a estar lá, face a diversos elementos do assunto e a apercebê-los sem perturbações*.

Estas reações atenuam-se e dissipam-se à medida que se persevera e *pode-se* cedo ou tarde estar lá e aperceber-se o elemento.

Desde o instante em que se é capaz de confrontar um só dos seus elementos, notar-se-á que ele a partir desse momento está mais à vontade para confrontar o resto.

As pessoas usam subterfúgios mentais para evitar de ter de confrontar verdadeiramente tal como desinteressar-se, de se aperceber que as coisas não têm importância , que se lhe atribui, de não dar sinal de vida, etc., durante estas manifestações perdem finalmente a sua intensidade, e a pessoa pode enfim simplesmente estar lá e aperceber-se sem irritação das coisas.

As piscadelas, o facto de engolir em seco, os espasmos e as dores são outros tantos sintomas para não mais confrontar e são os sintomas da irritação. Existem muitos outros. A sua presença indica que o indivíduo não está simplesmente a tentar estar ali a aperceber-se.

Confrontar usando de um *intermediário* (por meio dum ponto de comunicação) é uma outra maneira de esquivar.

O indivíduo em mau estado não pode de todo suportar a ideia de estar alie de perceber seja o que for. Ele foge, tem um ataque de nervos , mais rápido do que estar ali e perceber as coisas. A vida de uma tal pessoa é feita de sistemas de interrupção e de curvas que substitui pela confrontação. Não tem sucesso na existência, porque o sucesso não se obtém fugindo diante da vida mas estando lá, percebendo-a e sendo capaz de comunicar com ela e de a manejear.

Alguns termos

Escala graduada é um termo que significa o aumento gradual duma condição ou ainda um aumento fraco ou uma progressão pouco a pouco.

Entende-se por graduação salteada o facto de se atacar a um degrau ou a uma quantidade superior antes de ter manejado com sucesso um degrau inferior. É necessário voltar atrás e manejar o degrau da escala saltada se não conseguir superar as frustrações no assunto que estuda.

Invalidação significa, a ação de refutar, de rebaixar de desacreditar ou de negar qualquer coisa que um outro considera como um facto.

Os gradientes

Eis aqui ordenado segundo uma escala graduada e por ordem de dificuldade_crescente, alguns dos elementos_aos quais será preciso fazer face e que é preciso estar à altura de perceber a fim de estudar em boas condições

Os seus fins no estudo.

O papel

Os manuais

Os alimentos

O barulho

Um estudante

Um superior

O local onde se encontram os componentes materiais do assunto
O equipamento móvel do assunto
O equipamento imóvel do assunto
As massas relacionadas com o assunto
O assunto no seu conjunto

Os próximos degraus conduzirão o estudante a confrontar tudo a deslocar-se e, por conseguinte, a estar lá e a aperceber-se consecutivamente o que é , apesar do facto de ocupar diferentes localizações.

As etapas seguintes habituá-lo-ão ainda a confrontar operando uma seleção, sempre se deslocando e isto apesar da presença de outras fontes de distração

Complexidade e confrontação

É essencial compreender , em primeiro lugar, a simplicidade de base e a confrontação em si mesmo.

Toda a complexidade à volta de um assunto ou de uma ação, seja qual for, tem a sua origem numa incapacidade mais ou menos grande de confrontar.

O DEGRAU DE COMPLEXIDADE É DIRETAMENTE PROPORCIONAL OU GRAU DE NÃO CONFRONTAÇÃO.

O GRAU DE SIMPLICIDADE É DIRETAMENTE PROPORCIONAL AO GRAU DE CONFRONTAÇÃO.

ENSAIO SOBRE A TEORIA DA COMUNICAÇÃO

"Pode definir-se a comunicação. Enquanto troca de ideias ou objetos entre duas pessoas "

L: Ron Hubbard

A COMUNICAÇÃO E O ESTUDO

Nós comunicamos através dos livros.

Nós comunicamos através das revistas, filmes, cassetes, discos jornais e programas de televisão.

Os professores comunicam.

Os estudantes comunicam, nas aulas, durante os exames, as composições, nas suas dissertações e na vida.

Ouvir é uma forma de comunicação.

É a mesma coisa para a leitura para a palavra e para a escrita.

O estudo é uma forma de comunicação.

Eis aqui porque nos propomos neste capítulo abordar o assunto da comunicação.

A FÓRMULA DA COMUNICAÇÃO

A comunicação pode ser definida como a troca de ideias ou objetos entre duas pessoas



Exemplo A



Exemplo B

Ressalta pois que, para comunicar, nós temos necessidade de pelo menos duas pessoas e pelo menos duas pessoas e pelo menos de uma ideia ou de um objeto.

Ponto - origem ... ideia ou objeto ... ponto - receção

Primeiramente é preciso que uma pessoa ponha em marcha a comunicação. Chamaremos o *ponto - origem*, porque é ela que desencadeia a comunicação é ela que desenca-deia a comunicação. No exemplo A é ela que diz em primeiro lugar "Bom dia" (ela comunica uma ideia) . No exemplo B é a pessoa que lança a bola (ela comunica um objeto)

Temos em seguida uma pessoa que recebe a comunicação. Chamá-la-emos de *ponto de receção*. No exemplo A, é ela que ouve o que a outra disse (comunicação através duma ideia). No exemplo B, é a pessoa que apanha a bola (comunicação através dum objeto).

Até ao presente, constatamos que são necessários três elementos para que haja uma boa comunicação:

- 1º Uma ideia ou um objeto a comunicar
- 2º Uma pessoa que *causa* (engendra, inicia) a comunicação
- 3º Uma pessoa que recebe (aceita, agarra a possessão de) a comunicação.

Intenção e atenção

A fim de que haja uma boa comunicação, a partícula (ideia ou objeto) que se pretende comunicar deve vencer a distância que separa as duas pessoas em questão.

Noutros termos , a partícula deve ir do ponto - origem ao ponto - receção, percorrendo uma certa distância.

Duas condições devem ser reunidas a fim de poder transmitir uma partícula, dum ponto a um outro, através duma distância .

São :

1. *A intenção* (determinação ou decisão)
2. *A atenção* (interesse ou observação).

Se o ponto - origem quer "fazer passar " a sua ideia é preciso que ela tenha a *intenção* de atingir a outra pessoa. Se vós quereis, por exemplo, transmitir qualquer coisa a uma pessoa que se encontra do outro lado da sala, não é preciso sussurrar. É necessário servirem-se da vossa intenção a fim de obter a atenção da outra pessoa, ou suscitar o seu interesse.

O ponto - origem deve também fixar, um pouco, da sua *atenção* sobre a outra pessoa, a fim de ver se ela está pronta a receber a comunicação. Por consequência, a abstração feita do fator intenção, é necessária no ponto - origem este outro fator de atenção.

O ponto-receção para receber uma mensagem, deve pôr a sua *atenção* sobre o emissor. Também não é necessário juntar a atenção no ponto-receção .

Duplicação

Um outro fator deve igualmente estar presente no ponto-receção para que aí possa haver boa comunicação. Esse fator é a *duplicação*. Duplicar, é reproduzir fielmente qualquer coisa.

Tomemos por exemplo a mensagem que um comandante enviou do campo de batalha para o quartel general. A mensagem inicial : " enviem reforços , nós vamos avançar", transmitida de boca em boca desde a frente, à falta de outro meio de comunicação, transformou-se, uma vez chegada ao quartel general em : " Chamar os reforços, nós vamos dançar".

Qual foi o fator que falhou e que tornou esta comunicação imperfeita? É a duplicação. Cada um dos indivíduos que leram a mensagem não copiaram fielmente o que foi transmitido.

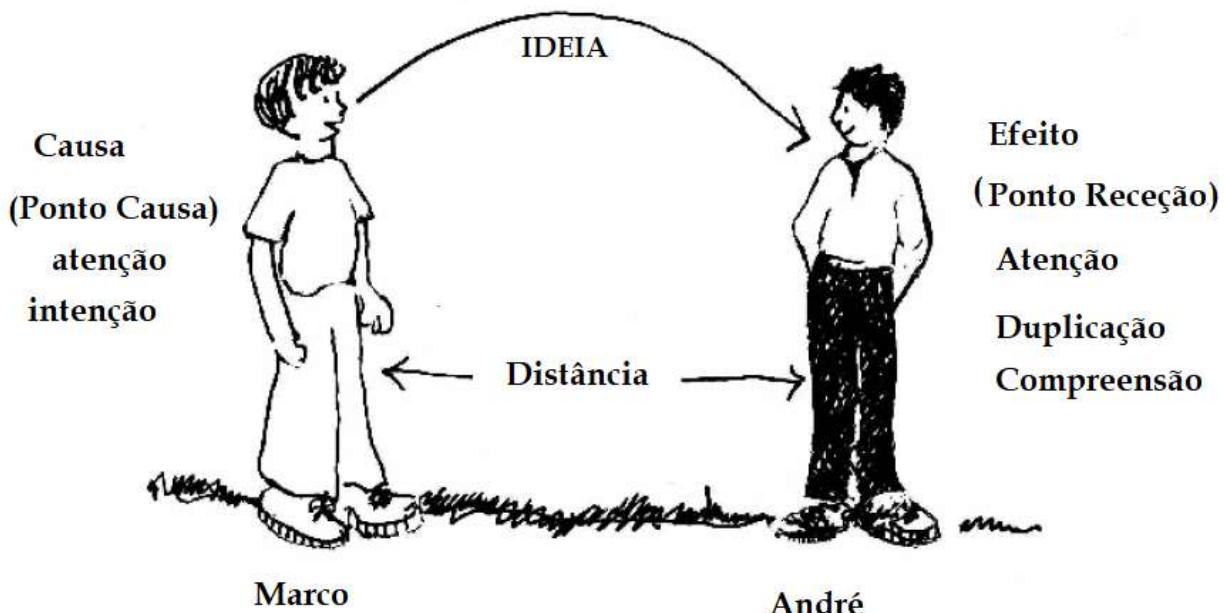
A maior parte das comunicações são votadas ao insucesso, quer seja por não captarmos a atenção da pessoa, quer seja por a nossa própria intenção de fazer chegar a nossa ideia não ter sido bastante forte ; a ideia não é então duplicada, a pessoa engana-se sobre o sentido das nossas palavras, e então nascem os mal entendidos.

Anteriormente, nós nomeamos a pessoa que engendra uma comunicação, ponto-origem. Pode igualmente chamá-la ponto-causa.

A pessoa que recebe esta comunicação foi nomeada de ponto-receção. Pode igualmente chamar-se *ponto-causa*.

A pessoa que recebe esta comunicação chamou-se ponto-receção. É possível de chamar-se igualmente de *ponto-efeito*.

A comunicação apresenta-se então assim:



Nós retiramos desta ilustração a fórmula da comunicação:

CAUSA - DISTÂNCIA - EFEITO com INTENÇÃO, ATENÇÃO e DUPLICAÇÃO.

Marco é *causa*, André é *efeito*. Uma *distância* separa-os. O Marco coloca a sua *atenção* sobre o André e ele obtém a *atenção* de André. Marco transmite com *intenção* a sua comunicação ao André que a *duplica*.

Eis aqui a maneira como é transmitida uma ideia.

Eis aqui a maneira como se fala e como se escuta.

O ACUSO DE RECEÇÃO

Quando duas pessoas estão em boa comunicação a fórmula opera assim : Marco envia a sua ideia ao André. Este último recebe-a e envia a sua resposta ou a sua réplica ao Marco que é por sua vez o recetor.

O que é que o Marco vai fazer agora? Geralmente não faz nada.

Falta aqui um elemento indispensável a uma comunicação eficaz. O elemento que faz falta é o *acusar de receção*. Um acusar de receção é simplesmente o que se utiliza para fazer saber a alguém que duplicaram a sua resposta. Isso pode ser um sinal com a cabeça, um sorriso, um "obrigado" que faz saber ao vosso interlocutor que receberam a sua comunicação e que a compreenderam.

O ACUSAR DE RECEÇÃO

Quando duas pessoas estão em boa comunicação a fórmula opera assim: Marco envia a sua ideia ao André. Este último recebe-a e envia a sua resposta ou a sua réplica ao Marco que é por sua vez o recetor.

O que é que o Marco vai fazer agora? Geralmente não faz nada.

Falta aqui um elemento indispensável a uma comunicação eficaz. O elemento que faz falta é o acusar de receção. Um acusar de receção é simplesmente o que se usa para fazer saber a alguém que duplicaram a sua resposta. Isso pode ser um sinal com a cabeça um sorriso ou um "obrigado" que faz saber ao vosso interlocutor que receberam a sua comunicação e que a compreenderam.

A pessoa que fala a torto e a direito é persuadida que nunca ninguém entende o que ela diz. Ela está sempre a tentar fazer-se entender. Se uma pessoa ao redor dela, pudesse acusar-lhe a receção e lhe fizesse saber que a ouviu, ela sentir-se-ia melhor.

As pessoas podem, ao longo do tempo, deixar de trabalhar para alguém que nunca conhece o que elas fizeram. Um pequeno acusar de receção pode realizar, por vezes pequenos prodígios. Não se trata dum cumprimento, mas antes de um sinal indicando que notaram o que o outro fez. Constatareis que as pessoas que vos rodeiam tornar-se-ão mais alegres se reconhecerem os esforços e acusos de receções das suas comunicações.

O que se passa quando não acusam a receção

Se eu vos perguntasse que horas são e que me respondessem : "São 9 hrs.", como poderiam saber, que tinha recebido a vossa resposta, se não acusei a receção? Perguntar-se-iam se a vossa comunicação tinha chegado até mim.

Essa falha em acusar a receção, muito frequente na nossa sociedade, é a origem duma quantidade de dificuldades em comunicar.

Encontrareis pessoas que jamais falam, persuadidas de falar no vazio. Há muito tempo que perderam a esperança de que alguém as possa ou queira ouvir.

Estai atentos à terminação dos ciclos.

Uma comunicação que é eficaz e segura termina-se geralmente por um acusar de receção. Aplicada ao exemplo mencionado acima, um ciclo de comunicação completo revestirá a forma que se segue:

Marco: Que horas são?

André: São nove horas.

Marco: Obrigado.

Ou : "Vejo que cortaste a relva" "Obrigado por teres passado a minha camisa". Obrigado por te teres deitado a horas". Nós apenas estamos prontos a notar os erros, a constatar aquilo que NÃO foi feito ou a queixar-nos de NÃO ter recebido resposta à nossa pergunta . Devíamos estar também dispostos a receber o que foi feito ou a reconhecer que se recebeu uma resposta.

O AXIOMA DA COMUNICAÇÃO

Como vimos a comunicação é constituída de : CAUSA - DISTÂNCIA - EFEITO - com INTENÇÃO , ATENÇÃO e DUPLICAÇÃO.

Consideramos agora o verdadeiro axioma da comunicação :

A COMUNICAÇÃO É A CONSIDERAÇÃO E A AÇÃO QUE CONSISTE EM ENVIAR UM IMPULSO OU UMA PARTÍCULA A PARTIR DUM PONTO-ORIGEM ATRAVÉS DUMA DISTÂNCIA ATÉ A UM PONTO-RECEÇÃO, COM A INTENÇÃO DE REALIZAR NO PONTO-RECEÇÃO UMA DUPLICAÇÃO DO QUE EMANOU O PONTO-ORIGEM.

UMA DEMONSTRAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

A fim de aumentar a vossa compreensão, demonstrem o axioma da comunicação com a ajuda de pauzinhos, fósforos, cliques, etc. Representa um ponto-origem e um ponto-receção por meio de dois objetos separados por uma certa distância.

Peguem agora outro objeto nas vossas mãos. Qualifiquem-no de *impulso* (ideia) ou de *partícula* (produto do pensamento). Incorporem aí a *intenção* de realizar no ponto-receção uma duplicação da partícula *emanada* do ponto-fonte.

(Ela foi recebida tal e qual como foi enviada? Ela foi duplicada?)

Repitam esta demonstração até se sentirem seguros de terem compreendido o axioma da comunicação.

A COMUNICAÇÃO NOS DOIS SENTIDOS

Não é necessário, por definição, que haja reciprocidade num ciclo de comunicação. Quando uma comunicação é reenviada, a fórmula repete-se, o ponto-origem torna-se nesse momento ponto-receção, e o ponto-receção torna-se então ponto-origem.

(Demonstrem este ciclo recíproco com a ajuda de pauzinhos, cliques, etc. invertendo o vetor da partícula).

Constatamos que há comunicação e comunicação nos dois sentidos.

Constatareis que a comunicação tem lugar *ciclicamente*. Um ciclo é o desenrolar que segue uma ação no decurso da qual a ação é começada. Continuada o tempo necessário e depois termina-se como se previu.

8 ENSAIO SOBRE PÔR EM PRÁTICA A COMUNICAÇÃO

"Todo o objetivo é de estar lá". *L. Ron Hubbard*

INTRODUÇÃO A PÔR EM PRÁTICA A COMUNICAÇÃO

Munidos de alguns dados sobre a natureza da comunicação, iremos agora examinar em que é que a fórmula da comunicação se aplica ao estudo e à vida e como nos podemos SERVIR-NOS DELA.

Natureza das capacidades próprias à comunicação

Como aprendemos no capítulo precedente, a comunicação viva faz entrar em jogo mais capacidades de base que são:

1. A atenção (confrontação)
2. A intenção
3. O acusar de receção
4. A duplicação

Cada ensaio que se segue propõem-se a abordar cada capacidade relativa à comunicação e de tratar o seu desempenho respetivo na comunicação viva e na sua aplicação no domínio do estudo.

As rotinas de treino

Este capítulo tem uma *rotina de treino* ou exercício correspondente a cada uma das capacidades próprias da comunicação. A prática destes exercícios aumentará a aptidão do indivíduo a :

1. Confrontar (estar atento)
2. Projetar a sua intenção
3. Acusar a receção
4. Duplicar

Estes exercícios devem ser executados na ordem indicada, visto que cada exercício sucessivo põe em marcha as capacidades adquiridas no decurso dos exercícios precedentes. Cada rotina de treino feita com competência permite-vos adquirir uma capacidade maior na comunicação.

Estas capacidades podem servir para se exprimirem, ouvirem, escutarem, escreverem, lerem, estudarem e aplicarem às inumeráveis situações da vida que requerem comunicação.

A APLICAÇÃO DAS ROTINAS DE TREINO

Praticam-se as rotinas de treino ou exercícios de comunicação entre parceiros . O termo de "parceiros" serve para designar dois estudantes do mesmo nível empareirados pelo supervisor de curso.

Na prática, um dos parceiros tem o papel de estudante, o outro de monitor. Os papéis são em seguida invertidos.

A tecnologia de estudo e particularmente os ensaios intitulados : "O que é um estudante?", " O que é um monitor? " e " O exercício dirigido " descritos neste manual, são precisamente adaptados a estas rotinas de treino.

O VALOR DA ATENÇÃO E DA CONFRONTAÇÃO

O termo *confrontar* significa : encontrar-se face a face, fazer face, conduzir à presença de :

O papel da confrontação na palavra

Quantas vezes falaram a uma pessoa que não prestava atenção e que não tinha interesse nenhum no que diziam? É um pouco como se falassem para uma parede, e é também estéril.

O olhar vidrado, os olhos no vago, vazios de expressão, os batimentos rápidos das pálpebras e todos os fenómenos deste género indicam uma fraca capacidade de confrontar.

Recordem agora indivíduos com os quais conversaram e vos pareceram cheios de vida: constatarão que essas pessoas se interessam por tudo, têm um espírito vivo e sagaz, quantidades de energia a gastar, e por isso sentimo-nos descontraídos na sua presença. O seu olhar pousa sobre vós. Não tendes a impressão que vos olha sem vos ver.

Esses indivíduos têm uma grande capacidade de confrontação. São duma abordagem fácil interessam-se por vós. Podem pôr a sua atenção sobre um objeto e mantê-la aí sem se deixarem embarcar numa corrente de pensamentos fugitivos. Estão atentos ao que os rodeia, e não são nem introvertidos nem fixos nos seus problemas pessoais.

Se um indivíduo não pode confrontar a pessoa a quem se dirige, a relação que estabelece com ela não produzirá o efeito pretendido.

O manejamento dos problemas.

O melhor meio de resolver os problemas é de os analisar sem tentar fugir.

Certas pessoas acreditam sinceramente que o facto de os escamotear eles desaparecem. Esta é uma ideia sedutora mas que, infelizmente, não funciona! Visto que eles voltam em força.

Melhorem a aptidão duma pessoa a fazer face e a confrontar, e ela descobrirá que maneja mais facilmente a sua vida e os seus problemas.

A confrontação dos grupos.

É essencial para poder falar em público. Ser capaz de confrontar. Já viram um conferencista que prefere não ter público? Ele é tímido, as suas propostas são incongruentes, ele não encontra as palavras, ele está tenso; estamos perante um indivíduo cuja confrontação é má. Melhorar a sua confrontação ajudá-lo-a a sentir-se mais à vontade, a reunir as suas ideias e a transmiti-las ao seu auditório.

Melhorem a confrontação do indivíduo e aumentarão a sua capacidade para controlar as situações.

Os indivíduos cuja função é de dirigir os outros em qualquer esfera da vida, quer seja no trabalho, nas atividades de carácter social, na escola ou no seio do lar, deve ser capaz de confrontar, se ele, deseja ajudar aqueles sobre os quais assumiu responsabilidade.

A confrontação e o estudo

Os resultados obtidos pelo estudante são em larga medida determinados pela sua confrontação e atenção.

Ele consente ser estudante?

Ele está pronto a confrontar a disciplina em questão?

Ele pode confrontar submeter-se a um horário, de estar presente nos cursos e fazer os seus deveres da escola?

Na escola é aplicado? Está atento ao que o professor diz ..., ao que ele explica ..., ao que ele comunica ...?

Ele sente dúvidas em ser estudante fora das horas do curso ... ?

Ele pode provar uma atenção continua nas suas leituras ..., nos seus deveres ..., e nos seus estudos ...?

Ele pode enfrentar fazer uma experiência no laboratório, redigir uma composição ou dissertação? Ele pode confrontar entregar um dever a tempo e horas?

Em resumo, Ele está disposto a ser estudante a tempo inteiro?

A sua capacidade de confrontar vai assegurar ou destruir o seu futuro.

ROTINA DE TREINO 0

Nome : CONFRONTAÇÃO DE OLHOS FECHADOS

Comandos : Nenhum

Posição : O estudante e o monitor estão sentados um em frente do outro, olhos fechados, a uma distância adequada - mais ou menos um metro.

Objetivo : Treinar o estudante a estar ali, à vontade e a confrontar uma outra pessoa. Tudo o que se pretende é de habituar o estudante a poder ESTAR ali, sem dificuldade, a um metro de distância de outra pessoa, a ESTAR ali e a não FAZER mais nada.

Sobre o que pôr o assento neste exercício : O estudante e o monitor estão sentados frente a frente, olhos fechados sem conversarem. É um exercício silencioso. É formalmente proibido gesticular, mexer, servir-se de uma parte do corpo para confrontar, de utilizar um "sistema", um intermediário para confrontar ou qualquer outro auxiliar, exceto ESTAR lá. ESTEJAM AÍ, À VONTADE E CONFRONTEM.

Quando o estudante pode ESTAR lá, à vontade, confrontando, e conseguiu um *melhoramento estável* e *importante*, termina o exercício.

Nome: CONFRONTAÇÃO (TR 0)

Comandos : Nenhuns

Posição : O estudante e o monitor estão sentados frente a frente, a uma distância adequada - mais ou menos um metro.

Objetivo : Treinar o estudante a confrontar. O objetivo é de habituar o estudante a poder MANTER uma posição a um metro de alguém, a ESTAR lá a não fazer NADA mais.

Sobre o que pôr o assento neste exercício : O estudante e o monitor estão sentados um em frente ao outro; Eles não devem discutir nem procurar tornarem-se interessantes . Eles estão sentados a olhar-se, e não dizem nem fazem nada durante um certo tempo. O estudante não deve nem falar, nem se agitar, nem rir nervosamente, nem ficar atrapalhado, nem cair em torpor.

Notar-se-á que o estudante tem tendência a SERVIR-SE duma parte do seu corpo para confrontar, mais do que simplesmente confrontar, ou a utilizar um sistema de confrontação mais do que ESTAR somente ali. A solução é simplesmente de confrontar e de ESTAR ALI.

Os estudantes usam subterfúgios mentais para evitar ter de confrontar verdadeiramente, tais como de se desinteressar de se aperceber que as coisas não tem a importância que lhe atribuem, de não dar qualquer sinal de vida, etc. No entanto, estas reações desintensificam-se, e finalmente o estudante pode estar unicamente lá e confrontar.

Passa-se ao lado do sentido do exercício se se pensa que confrontar significa : "CRIAR UM EFEITO sobre o monitor". Todo o seu objetivo é de acostumar o estudante a ESTAR ALI , a um metro de distância duma outra pessoa, sem ter de se desculpar, de se mexer, de se sobressaltar ou defender-se .

Logo que o estudante pode ESTAR ali e confrontar e que atinja um melhoramento importante, ele terminou o exercício.

Nome : CONFRONTAÇÃO COM PROVOCAÇÃO.

Comandos :A utilizar pelo monitor : "Começar", "É tudo" "Falha".

Posição : O estudante e o monitor estão sentados um em frente do outro, a uma distância adequada- mais ou menos um metro.

Objetivo : Treinar o estudante a confrontar. Todo o objetivo é de conduzir o estudante a poder ESTAR ali, à vontade, a um metro de uma outra pessoa, sem perder a calma, sem estar distraído e sem reagir , de modo nenhum, ao que os outros dizem ou fazem.

Sobre o que pôr o assento neste exercício : depois do estudante ter passado o TR 0 e que ele pode estar lá, sem embaraços, a "provocação" pode começar. Tudo, exceto o facto de ESTAR LÁ, é objeto duma severa reprovação da parte do monitor. As contrações, os batimentos de pálpebras, os suspiros, os tiques e tudo o que sai do quadro da simples confrontação são objeto duma rápida reprovação, motivo provado.

Método a seguir : O estudante tosse, o monitor diz : "errado! Tu tossiste. Começar". Não diz mais nada.

Como abordar um tema de provocação : O monitor deve deixar o estudante obter qualquer sucesso, depois, submete-o a uma tensão mais considerável, começa a arrasá-lo, a fim de provocar nele reações que o conduzirão ao chumbo. É a isto que se chama "provocação". O estudante é chumbado todas as vezes que tem a mais pequena recção à provocação. O monitor tem o direito de dizer ou fazer tudo o que desejar; exceto deixar a cadeira. Todas as palavras pronunciadas pelo monitor que não sejam aquelas que ele se serve para dirigir, não devem provocar qualquer recção no estudante . Se o estudante reage o monitor retoma imediatamente o seu papel de monitor (ver o método acima). O estudante termina logo que ele consegue ESTAR ali, à vontade, sem estar desconcertado, distraído, sem reações a qualquer coisa que o monitor diz ou faz e logo que ele atinja um *melhoramento importante e estável*.

N.B. - O monitor não deve rir dum comum acordo com o estudante, mas assumir o seu papel de monitor, utilizando unicamente as palavras acima referidas.

O VALOR DA INTENÇÃO

O termo *intenção* significa : aplicação ou direção do espírito. A expressão *ter intenção* significa: propor-se a um objetivo ou um fim - visar.

A intenção na comunicação

O estado de espírito duma pessoa que pensa que " de qualquer forma isso não interessa a ninguém", ou " eles vão seguramente troçar de mim " ou " vou pôr-me ao ridículo " , leva-a a asfixiar ou a reter a sua comunicação. A murmurar as suas palavras e a exprimir-se confusamente e com hesitação.

Certas pessoas exprimem-se pelo canto da boca, articulam mal as palavras ou engolem-nas , falam para as paredes, etc. ..., em lugar de se dirigirem à pessoa com a qual se querem entender.

Outras pessoas falam com uma voz tão fraca ou com tanta hesitação que é preciso estar com o ouvido à escuta para se perceber o que elas querem dizer.

Outras ainda utilizam mais esforço ou gestos do que o necessário para transmitirem a sua comunicação : elas exprimem-se por movimentos bruscos e sacudidelas gesticulando, fazendo trejeitos no rosto, agitando as mãos ,fazendo sobrolho, etc. .

Deve-se poder exprimir uma ideia e transmiti-la sem para tal ser necessário tanto esforço.

Isto não significa que é preciso ficar imóvel quando se comunica, mas que se devem *poder* transmitir as suas ideias sem esforço.

Uma comunicação eficaz, é uma comunicação direta que se acompanha de intenção de que o interlocutor a recebe e quem tem um volume suficiente para atravessar facilmente uma distância

Logo que dizem seja o que for, deve poder entender-se e compreender-se.

A intenção no estudo

Admitindo que o estudante esteja desejoso de confrontar a matéria que ele escolheu, haverá sucesso na medida em que ele tiver intenção de aprender.

A longo prazo, a sua intenção dá origem à orientação que dará ao assunto. Ele tem a intenção de SE SERVIR dos materiais que ele estuda. Num quadro conceptual, ele quer pôr em execução as ideias recebidas a fim de alargar o campo de consciência dos outros e do seu. Ele pode ter a intenção de se servir disso como veículo para transformar as condições que o rodeiam.

De momento o estudante quer terminar o seu curso ou os seus cursos na medida das suas capacidades. Ele projeta servir-se de todas as técnicas de estudo à sua disposição, e é o que ele faz. Ele encontra por exemplo uma palavra que não comprehende. Ele interrompe a sua leitura, consulta um dicionário, insere o termo em várias frases, demonstra a massa equivalente, enquanto não assimila a palavra em questão.

O estudante é o único dono do seu tempo de estudo; ele trabalha sem freio. A sala de estudos contém todos os materiais de que ele necessita para consultar. Ele faz prova de uma atenção continua. A sua intenção é de compreender o que ele estuda e de ser capaz de se servir dos dados.

Os estudantes obtêm resultados à medida da sua intenção. A intenção não exige esforços.

ROTINA DE TREINO 1

Nome : ALICE NO PAIS DAS MARAVILHAS (TR 1)

Objetivo : Treinar o estudante a transmitir uma comunicação nova *numa nova unidade de tempo*, sem recuar nem tentar *submergir* nem utilizar *intermediários*.

(Numa nova unidade de tempo significa que o comando ou a declaração são dados com frescura - agora - como se acabássemos de pensar neles, e não como se os repetíssemos de novo, ou como se eles estivessem esbatidos por declarações passadas.)

Submergir : 1) Abater-se sobre, pesar sobre, transportar sobre, de forma irresistível; esmagar; 2) Subjugar o pensamento ou os sentimentos de alguém.

Um intermediário é toda a ação, movimento expressão ou inflexão de voz utilizada para fazer passar a comunicação mais do que simplesmente a transmitir, tal como falar com as sobrancelhas os movimentos das mãos etc.

Comandos : O estudante lê ao monitor uma expressão (frase do discurso entre aspas) extraído do livro " Alice no País das Maravilhas" . Ele repete-a tantas vezes quantas o monitor achar necessárias até que ela lhe chegue corretamente onde ele se encontra.

Posição : O estudante e o monitor estão sentados frente a frente a uma distância adequada.

Sobre o que por o assento neste exercício : A comunicação vai do livro ao estudante que, tendo-a feito sua, transmite-a ao monitor. Ela não deve passar do livro ao monitor. Não deve ser artificial, deve soar natural. A dicção e alocução não têm qualquer função.. No entanto, o volume da voz pode ter a sua influência. O monitor deve ter recebido claramente a expressão ou a questão e compreendê-la antes de dizer "Bem"

Método a seguir : O monitor diz "Começar" ; ele diz "Bem" sem voltar a dar o "Começar" se ele recebeu a comunicação, ou ele diz "Chumbado" se ele não a recebeu . " Começar" não se utiliza de novo. A expressão " é tudo" serve para interromper o exercício em vista duma discussão ou para terminar a ação em curso. No caso em que a sessão seja interrompida em vista duma troca de opinião, o monitor deve voltar a dizer "Começar" antes de continuar.

Este exercício não termina a não ser que o estudante consiga fazer passar uma comunicação de forma natural, sem esforço, sem afetação, sem gestos ou efeitos oratórios, e logo que o possa praticar facilmente e duma forma descontraída.

O VALOR DO ACUSAR DE RECEÇÃO

No quadro da comunicação, O ACUSAR DE RECEÇÃO é o que faz saber à pessoa que falou que a ouviram e compreenderam a sua comunicação.

Ausência do acusar de receção .

A melhor maneira de julgar o valor do acusar de receção é de observar o que se passa na, sua ausência .

Quantas vezes temos visto pessoas a ficarem coléricas porque não lhe fizeram saber que a sua comunicação tinha sido recebida e compreendida.

Acontece que uma pessoa fique contrariada depois de ter oferecido um presente e não ter recebido nenhum agradecimento nem sequer um sorriso à laia de acuso de receção.

A pessoa que escreve uma carta e não recebe nem resposta nem acuso de receção do destinatário fica em suspenso e interroga-se . Suponhamos que ela recebia, alguns anos mais tarde, uma carta a acusar a receção. Pode acontecer que ela sinta então um sentimento de alívio. O ciclo de comunicação a partir de agora terminou.

Uma pessoa que, dia após dia, termina a sua tarefa sem receber um só acuso de receção perde o seu entusiasmo o gosto pelo trabalho, e apodera-se dela um sentimento de inutilidade. Um acuso de receção que reverte na forma de aumento de salário, mostra à pessoa que é apreciada.

A criança à qual nunca se lhe acusa a receção faz cada vez mais barulho para captar a atenção; os pais perguntam-se porque é que as crianças sofrem um sentimento de frustração. Estes poderiam aprender o que é um acusar de receção e praticá-lo. Eles

poderiam escutar e compreender o que eles lhe dizem, e depois acusar-lhes a receção. A criança que recebe um acuso de receção fica feliz rapidamente.

Às pessoas a quem nunca foi dado um acuso de receção têm a mesma a reiterar a mesma comunicação enquanto não a receberem. A título de exemplo familiar tomem a mulher que chama , depois de cozinhar, o seu marido que está a ver televisão : "Querido está na hora de ir para a mesa". Não recebendo resposta , ela continua a chamar: "Querido está na hora de ir para a mesa"; contrariada entra na sala e diz: "Está na hora de ir para a mesa", o marido responde-lhe então num tom desagradável ao mesmo tempo que vê televisão. "Está bem não sou surdo". Esta cena doméstica pode ser evitada se o marido acusar a receção à sua mulher por um por um "Obrigado" ou um "Bem" , logo que ela o chamou à primeira vez, ou se ele lhe faz saber duma maneira ou de outra que ele recebeu a sua comunicação

Confusão e ordem :

Vimos que a comunicação segue um ciclo de causa - distância - efeito . O ponto-origem tem a intenção de que o ponto-receção recebe a comunicação . Quando o expedidor duvida da receção da mensagem que ele enviou ele coloca perguntas e a sua interrogação toma a forma dum ciclo de comunicação incompleto : a mensagem tem tendência a persistir e a reter a sua atenção.

Estes ciclos de comunicação acabados acabam por se acumular e por tornar a vida complicada em excesso. O acuso de receção permite por fim ao ciclo de comunicação e pôr uma ordem harmoniosa na vida.

A confusão

O facto de se ouvir o que se disse não é , só por si , suficiente para pôr fim a um ciclo de comunicação. É preciso igualmente compreender o que foi dito. Também é preciso indicar que ouviram e compreenderam a comunicação para terminar o ciclo. O acuso de receção faz saber ao seu interlocutor : "Ouvi e compreendi o que me disse. O ciclo de comunicação é a partir deste momento terminado."

Um acuso de receção não constitui necessariamente "uma resposta" à comunicação; indique simplesmente ao interlocutor que receberam e compreenderam o que ele disse e que o ciclo está terminado. Responder ou manejear esta comunicação faz o objeto dum novo ciclo. (tal como está descrito no ensaio intitulado; "A comunicação nos dois sentidos").

O ACUSO DE RECEÇÃO E O ESTUDO

O acuso de receção encontra no estudo um campo de aplicação imediata: Permite ao estudante terminar os ciclos de ação que ele empreende.

Um ciclo de ação é o desenvolvimento que se segue a uma ação no decurso da qual a ação é começada, continua o tempo necessário, depois termina-se como se previu.

"Compreender o significado duma palavra" constituirá um exemplo de ciclo de ação de trabalho no estudo.

O estudante empreende este ciclo de ação logo que ele encontra na passagem que ele lê uma palavra uma palavra que não compreenda o sentido. Ele prossegue o ciclo consultando o dicionário lendo aí a definição do termo em questão, demonstrando-a em seguida com a ajuda da caixa de demonstrações e inserindo-a em frases da sua invenção. Esse ciclo termina logo que tenha assimilado a palavra e tenha reconhecido que terminou o ciclo.

Para tomar o exemplo dum dever da escola , o estudante termina as ações pedidas depois reconhece ter terminado a sua tarefa.

O facto de compreender o estudo em termos de ciclo de ação , mais do que sob forma de "trabalho a fornecer", traz um apoio inesperado ao estudante. O facto de terminar vários ciclos de ação em lugar de "estudar" durante tantos minutos ou tantas horas , dá-lhe a possibilidade de conseguir melhor os seus objetivos. Eis o que é mais produtivo!

Ao reconhecer a terminação dos ciclos empreendidos - como nos exemplos acima mencionados acima -, o estudante pode libertar o espírito e criar outros. Pode assim completar mais.

ROTINA DE TREINO 2

Nome : ACUSO DE RECEÇÃO (TR 2)

Objetivo : Ensinar ao estudante que um acuso de receção é um método destinado a controlar as comunicações duma pessoa e que um acusar de receção põe-lhe ponto final.

Comandos : O monitor lê ao estudante expressões extraídas do livro Alice no País das Maravilhas (ler unicamente as frases do discurso entre aspas) às quais este último acusa fielmente a receção. Ele repete cada expressão à qual, segundo ele, o estudante não acusou realmente a receção.

Posição : O estudante e o monitor estão sentados face a face, a uma distância adequada.

Sobre o que pôr o assento neste exercício : Ensinar ao estudante a acusar a receção com precisão ao que diz o monitor de forma a que este saiba que o estudante compreendeu a sua comunicação. Perguntar de vez em quando ao estudante o que acabaram de dizer. Cortar logo todo o acuso de receção incipiente ou exagerado. Deixem no entanto o estudante fazer tudo o que ele desejar a fim de conseguir os seus acuses de receção, e depois estabilizem a sua maneira de o fazer .

Ensinem-lhe que um acusar de receção põem fim a um ciclo e que não constitui mais o começo dum novo ciclo de comunicação que não incite o interlocutor a prosseguir.

Ensinem-lhe, sobretudo, que pode não conseguir transmitir um acusar de receção, ou não conseguir parar uma pessoa com um acusar de receção, ou que pode tirar-lhe a vontade de falar através dum acusar de receção.

Método a seguir : O monitor diz: "Começar", depois lê uma frase tirada do livro; ele chumba o estudante por cada acusar de receção que lhe pareça incorreto . Ele repete a mesma frase todas as vezes que chumbou o estudante. Ele tem o direito de utilizar: "É

tudo" seja para interromper a rotina e trocar pontos de vista com o estudante , seja para terminar a sessão em curso. ". O "É tudo" uma vez dado, deve utilizar-se "Começar" antes de retomar a sessão.

NOTA . Os acusares de receção habituais são "Bom", "Obrigado", "De acordo" ou "Bem".

NDT : controlar é empregue aqui no sentido de : pôr em andamento, mudar, parar .

COMO OBTER UMA RESPOSTA À VOSSA PERGUNTA

Encontraram certamente na vossa vida de todos os dias pessoas que não respondem as vossas perguntas ou que não se dão conta do que disseram, pessoas que abordam um assunto e que concluem uma discussão sem que nem um nem outro se lembrem do tema da conversa ou as razões pelas quais eles a tinham iniciado. Talvez se lembrem de ter perguntado a alguém - criança, empregado ou amigo - de completar uma determinada tarefa, e ter constatado que a vossa ordem não teve eco, fosse por desobediência, fosse por ter sido executada completamente ao inverso, ou que o tempo fosse gasto em vão e em intermináveis discussões!

A única razão pela qual os quadros estão estafados e sobrecarregados de trabalho vem do facto das suas diretivas não foram executadas e que eles omitiram de os *reiterar* até ao seu acabamento, sem fazer caso de todas as reações absurdas que elas suscitam .

Já viram uma pessoa aceitar uma resposta que não tem nada a ver com a pergunta que ela colocou, e encontrar-se no mesmo mistério que antes?

As perguntas que ficam sem resposta e a desobediência às ordens concorrem para mergulhar a pessoa num estado de confusão e de fadiga, não lhe dando qualquer oportunidade de abordar aquilo a que ele se propôs empreender.

Tudo isto decorre da nossa impotência em obter as respostas às nossas perguntas ou a fazer executar as nossas ordens, ou perseguir as pessoas responsáveis enquanto não sejam capazes de ser levadas a bem.

Não prosseguir até ao fim um trabalho em curso, de não obter resposta às nossas perguntas, esquivar-se ao sujeito ou ao tema que estão a tratar são fonte de quantidades de problemas e contrariedades. Não obter resposta definitiva a uma questão deixa o ciclo inacabado, e retém ainda uma parte da nossa atenção. Não concluir um assunto antes de abordar um outro é uma fonte habitual de confusão e de disputa no decurso das conversações. A resolução do problema é de aprender " a terminar os ciclos em curso e evitar de executar uma nova ordem, um novo requerimento, ou de abordar uma nova pergunta ou um novo tema de ter manejado bem ou concluído o ciclo em curso.

Duplicação e estudo

Já sublinhamos que o indivíduo que estuda tem um objetivo bem preciso em mente.

A capacidade adquirida na próxima rotina de treino intitulada "A pergunta duplicativa", permite ao estudante de discernir os textos pertinentes dos estranhos ao assunto.

Eis um exemplo prático e elementar: um estudante é confrontado com uma pergunta de desertarão; ele lê a pergunta e comprehende ao que ela faz apelo; é-lhe dada a possibilidade de investigar os elementos necessários para a tratar. Ela encontra-os seja nos seus materiais seja na biblioteca , e ele responde a fundo à pergunta sem sair do assunto.

ROTINA DE TREINO 3

Nome : PERGUNTA DUPLICATIVA (TR 3)

Objetivo : Ensinar o estudante a duplicar sem variações na sua própria unidade de tempo, uma pergunta como se tratasse cada vez duma nova pergunta, sem a sufocar noutras perguntas depois do acusar de receção da resposta . Ensinar que não se faz nunca uma segunda pergunta antes de ter recebido uma resposta à que foi colocada.

Comandos : "Os peixes nadam?" ou "As aves voam?"

Posição: Estudante e monitor sentados frente a frente, a uma distância adequada.

Sobre o que pôr o assento neste exercício : O estudante faz uma pergunta e acusa a receção resposta a esta pergunta , numa só unidade de tempo que é então terminada . Impedir o estudante de desencaminhar variando os comandos . Seja como for que ponham a mesma pergunta , ela é posta como se ela nunca tivesse vindo ao espírito de quem quer que seja antes.

O estudante deve aprender a dar um comando, a receber uma resposta e a acusar a receção numa única unidade de tempo.

Reprova-se o estudante se não repetir exatamente a mesma pergunta, se faz Q e A e não consegue controlar as digressões do monitor. (Q e A (nome) impotência para terminar um ciclo de ação; (verbo) não terminar um ciclo de ação ou desviar-se da linha de ação adotada) .

Método a seguir : O monitor diz : "Começar" e "É tudo" como nas rotinas anteriores . O exercício uma vez iniciado, não é obrigatório responder às perguntas do estudante , e pode fazer um comentário ou, outros termos, sujeita-o a um atraso de comunicação para enfraquecer o estudante. (Atraso de comunicação: tempo necessário a um indivíduo para dar uma resposta a uma pergunta feita, quer seja silenciosa até que ele responda, quer ele fale no intervalo).

O monitor deverá responder frequentemente; e, um pouco menos de vezes tentar baralhar e treinar o estudante no Q e A ou de o mergulhar na confusão.

Exemplo :

Estudante : Os peixes nadam?

Monitor : Sim.

Estudante : Bom .

Os peixes nadam?

Monitor : Tu não tens fome?

Estudante : Sim.

Monitor : Chumbado.

Sempre que o monitor não obtenha resposta à sua pergunta, o estudante deve dizer sem brusquidão: "Vou repetir a pergunta" e isto até receber uma resposta. Reprova-se um estudante por tudo aquilo que não é : pergunta, acusar de receção e, se necessário, a frase de repetição. Reprova-se por um mau acusar de receção. Reprova-se por Q e A (como no exemplo acima) , por todo o estado de confusão, por ausência do acusar de receção, ou por um acusar de receção que chega depois dum atraso de comunicação indubitável.

Todas as palavras pronunciadas pelo monitor fora da resposta à pergunta e "Começar", "Chumbado" , "Bom", "É tudo", não deverão ter qualquer influência no estudante senão a de o conduzir a repetir a frase de repetição e a pergunta .Entende-se por frase de repetição : "Eu vou repetir a pergunta ". "Começar", "Chumbado", "Bom" e "É tudo" não pode ser empregue para desconcertar o estudante ou pregar-lhe uma ratoeira. Não importa qual outra afirmação à face da terra possa ser utilizada. O monitor pode tentar deixar a cadeira neste exercício. Se ele o consegue, o estudante é chumbado. As palavras derrotistas do monitor deverão todas elas tocar o estudante e ter por objetivo de o desacorçoar e de lhe fazer perder o controle da sessão ou o fio das suas ideias.

A tarefa do estudante é de continuar a sessão apesar de tudo, servindo-se unicamente da pergunta, da frase de repetição ou do acusar de receção.

Se o estudante fizer seja o que for doutra coisa que não seja o que está mencionado acima, é chumbado e o monitor deve dizer-lhe.

9 ENSAIO SOBRE A FORMAÇÃO

"Isto corresponde ao que pensam pessoalmente?"

*"Pensar não é particularmente difícil de aprender
e consiste simplesmente a comparar um dado particular
com o universo físico tal como se observa ."*

L. Ron Hubbard

O EXERCÍCIO DE ASSIMILAÇÃO

Aprender é diferente de estudar. Um indivíduo pode seguir um curso na sua integridade, obter notas satisfatórias e no entanto não aprendem os dados de modo a pô-las em prática.

O exercício seguinte tem por objetivo melhorar as capacidades de estudar e de adquirir a rapidez da assimilação.

Este exercício não é destinado a ser praticado nos textos de estudo ou nos materiais do curso.

Descrição do exercício de assimilação

Posição : O estudante e o monitor estão sentados frente a frente numa mesa.

Objetivo : Desenvolver, pela compreensão e a duplicação, a capacidade para ajuizar do estudante.

O que devem ter em conta

1. O primeiro estádio recai sobre a duplicação.

O monitor escolhe uma frase ou uma expressão extraída do livro *Alice no País das Maravilhas*. A frase selecionada pouco importa. O monitor lê-a ao estudante.

O estudante deve repetir a frase exatamente da mesma forma que o monitor, O monitor tenta unicamente conduzir o estudante a repetir uma série de sons. Não é necessário qualificá-los de palavras. Não se trata de uma recitação mas de uma duplicação. O monitor repete a frase todas as vezes que o estudante se engana, e isto até que a tenha duplicado fielmente.

2. A segunda etapa recai sobre a compreensão.

Depois de o estudante ter duplicado o que o monitor leu, este último pergunta-lhe: "Dá-me um exemplo disso". O estudante cita um ou vários exemplos até que os dois se sintam satisfeitos.

O monitor pergunta em seguida :"Como te parece este exemplo?". Se o estudante não sente dificuldade, passam à frase seguinte.

Se o estudante está inseguro acerca dos exemplos que deu, o monitor retoma o primeiro estádio e recomeça o exercício desde o princípio apoiando-se na mesma frase.

Se o estudante continua com dificuldades em encontrar exemplos, o monitor pergunta-lhe o que se segue :"Há palavras nesta frase que não comprehendeste?" As palavras que descobrirem são clarificas com a ajuda ,bem entendido, do dicionário.

Remédio

Se o estudante, apesar de tudo, continua com dificuldades a encontrar os exemplos, o monitor faz-lhe as seguintes perguntas :

1. "Dá-me um exemplo que demonstre que este dado é *falso*". O estudante dá vários exemplos até que os dois se sintam satisfeitos;
2. "Agora dá-me um exemplo mostrando que é *verdadeiro*".

O exercício termina-se sempre por um exemplo demonstrando que o dado é *verdadeiro*.

Resultado do exercício

Depois de ter terminado estas etapas de duplicação e compreensão , é suposto o estudante sentir-se à vontade acerca dos dados , e começar a dar-se conta do que ignorava, à medida que avança o exercício.

Aprende finalmente, graças a estas duas etapas de base a exercer o seu julgamento.

Deve submeter-se o estudante a um treino dirigido por degraus.

O exercício termina logo que o estudante atinja um sucesso durável; deve ter uma expressão alegre.

Este exercício permite adquirir a capacidade de aprender os dados com rapidez e precisão.

ALGUNS CONSELHOS

A ciência é o conhecimento dos fenómenos e das leis, classificados segundo um sistema metódico.

O estudante é convidado a descobrir por ele mesmo se é verdade que os mecanismos da ciência que ele estuda estão em conformidade com as teses que ele avança, e se é verdade que ela realiza os objetivos a que se propõe.

O estudante deve decidir da validade do que lhe ensinam quer se trate de teoria, de mecanismo, de procedimentos quer de técnicas. Ele deve pôr em questão os dados que lhe apresentam. Eles existem? Estão de acordo com os factos? Funcionam? Darão o máximo de resultados num tempo mínimo?

A CIÊNCIA

A razão pela qual a engenharia e a física realizam tamanhos saltos em frente comparadas com as outras ciências, é que elas levantam problemas que castigam severamente o homem caso não examine profundamente o universo físico.

A engenharia

Suponhamos que um engenheiro é confrontado com o problema de perfurar um tunel ferroviário no flanco duma montanha. A via férrea será construída dos dois lados da montanha, se ele se enganar nos cálculos, as duas galerias não se encontrarão ao centro.

A evidência saltará aos olhos de toda a equipe; é isto que leva o engenheiro a ter grande cuidado de não cometer erros de cálculo.

O engenheiro observa de muito perto o universo físico, não somente porque os dois túneis devem encontrar-se ao centro, ao milímetro, mas também porque, se ele se engana sobre a natureza da rocha, o túnel ruirá; este acontecimento teria consequências graves para os caminhos de ferro.

A biologia

A biologia merece mais que todas as outras disciplinas o título de ciência, tendo em conta que, se cometer um grave erro no desenvolvimento de uma cultura microbiana, as consequências serão catastróficas e dramáticas.

Suponhamos que um biólogo é encarregado de injetar plâncton num reservatório de água, o plâncton que se compõe de germes microscópicos muito úteis ao homem. Mas se inadvertidamente o biólogo injeta os germes tifoides no reservatório da água, seguir-se-ão imediatamente consequências trágicas.

Imaginemos ainda que ele tem como tarefa de aprontar uma levedura que escureça a massa de pão. O problema que se lhe põe é de criar uma levedura que possua não sómente as propriedades comuns às leveduras, mas que mas que colore artificialmente o pão. Ele deve cuidar os aspectos práticos do problema porque, logo que faça parte do seu sucesso, a levedura e o corante serão submetidos a ensaios de laboratório: Este pão é comestível? É trigueiro? Sabendo que mesmo o leigo pode proceder à vontade a este exame saber-se-á rapidamente se o biólogo foi bem ou mal sucedido.

A política

A política que qualificamos voluntariamente de ciência, é governada por leis naturais que ainda ignoramos. Conseguiríamos descobri-las se aplicássemos uma metodologia no domínio das ciências políticas.

APRENDER O ESSENCIAL

Os estudantes devem ter o espírito aberto acerca do corpo de dados que estudam antes de poderem separar os dados essenciais dos dados secundários.

Os obstáculos em matéria de "importância"

Uma pessoa pode ser obsessiva pela importância da quase totalidade dos elementos dum assunto e pela sua igualdade de valore ter tanto medo de provocar catástrofes que ela terá por fim um acidente. As pessoas são muitas vezes educadas nesta atitude . "Tudo tem tamanha importância que esta lhe escapará se não conhecer tudo" . Isto reduz a sua arbitrariedade e diminui a sua capacidade de avaliar os dados.

Nos nossos dias, instruem-se as pessoas pela via das consequências e não porque a formação é uma coisa sensata. Na sociedade, "importante" é aparentemente sinónimo de "castigo".

Escolha de acessórios

Ao ensinarem um assunto a qualquer pessoa, façam-no simplesmente escolher os *e/ementos secundários* do assunto. Ele pensará de imediato que tudo é importante, mas se o encorajarem a prosseguir a fazer prova de compreensão e de bom controle acabará por descobrir um dado acessório.

Ensinem-lhe, por exemplo, a conduzir um trator. Ele descobre que a camada de pintura acima da manivela tem pouca importância. Acusem-lhe a receção, e peçam-lhe para encontrar outra coisa . Repitam este método montes e montes de vezes e verão que finalmente o assunto perderá "toda a sua importância".

A pessoa acabará por selecionar os comandos mais importantes do trator e saberá, como por magia, conduzir um trator! Não terá mais esta sede misturada de inquietude de aprender tudo no mais pequeno detalhe e jamais experimentará qualquer sensação febril.

Vocês dão-lhe uma disciplina que os ensina a não mais valorizar os pequenos detalhes.

Observação interessante

É interessante notar que uma pessoa que nunca distinguiu o importante do acessório e que pensa que tudo deve ser aprendido decore, tem um passado de punições que quase lhe custou a vida. Isto está na mesma ordem.

A educação é essencialmente a ação que consiste em fixar os dados no espírito, de modo a fazê-los perder a sua fixidez, assim como a modificar os dados existentes seja fixando-os demais na memória, seja fixando-os de menos.

Esta tecnologia do essencial permite anular uma "formação" levada ao extremo, seja qual for o assunto, e de fazer recuperar o seu livre arbítrio ao indivíduo, tendo em conta uma disciplina

EXERCÍCIO DE AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS

Este método de uma simplicidade infantil, que serve para aumentar a capacidade de aprender, a admitir e a assimilar os dados, produz resultados muito satisfatórios. A primeira etapa apresentada no primeiro exemplo abaixo, consiste no primeiro gradiente.

Primeiro exemplo

Monitor : Vou dar-te três números : um, dois, três.

O que é que eu disse?

Estudante : Um, dois, três .

Monitor : Bem. Lembras-te do que eu disse?

Lembras-te do que tu dissesse?

(Utiliza-se alternadamente estas duas perguntas) .

Estudante: Um, dois, três.

Utilizar diferentes variações de três números , perguntando de tempos a tempos ao estudante como se sente, até que ele se sinta descontraído, e de espírito tranquilo, e possa lembrar-se sem dificuldade o que ele disse e o que vocês disseram. Verificar, antes de continuar se ele se lembra da primeira série de números que lhe deram.

Subir de seguida o gradiente e conduzir o estudante a rejeitar ou a admitir os dados a seu modo como no segundo exemplo abaixo.

Segundo exemplo

Monitor : Todas as cadeiras são más. O que é que eu disse?

Estudante : Todas as cadeiras são más.

Monitor : Bem. Dissemos os dois que as cadeiras são más?

Estudante : Sim.

Monitor : É verdade?

Estudante : Não.

Monitor : Bem. Tu poderás então não acreditar numa única palavra do que eu disse e rejeitá-la, não é verdade?

Estudante : Sim

Nesta etapa, utilizem unicamente exemplos de dados desprovidos de sentido e absolutamente falsos. Logo que o estudante ganhe o seu livre-arbítrio, passa-se à etapa seguinte que se propõe a ensinar e a comunicar ao estudante o dado que nós lhe queremos ensinar.

Terceiro exemplo

Monitor : O monitor deve ser sempre da mesma opinião do estudante. O que é que eu disse?

Estudante : O monitor deve ser sempre da mesma opinião do estudante .

Monitor : É verdade?

Estudante : Não sei!

Monitor : Bem. Dá-me um exemplo concreto com a ajuda destes dois objetos.

(Ele indica-lhe com o dedo um copo e uma garrafa)

Estudante : O copo, que representa o estudante, diz :" estou farto. Vou abandonar o resto do curso" . A garrafa que representa o professor deve ter sempre a mesma opinião e como consequência diz: "Eis uma boa ideia".

Monitor : O que pensas disso ? Não é muito prático. Bem. Modifica-o

Estudante : O monitor deve compreender sempre o estudante.

Monitor : O monitor deve compreender sempre o estudante.

Estudante : Bem.

Monitor : Obrigado. Fim da sessão.

Conclusão

É possível, graças a este método, ensinar um dado a um estudante sem o contrariar. Deixem-no refletir e discutir a fim de obterem o seu acordo. Não há fórmula-tipo. O método é baseado sobre uma troca que a fórmula acima indicada e conduz o estudante a efetuar demonstrações com a ajuda de objetos que se encontram na sala.

Ele *saberá* um dado através deste procedimento, e não somente uma sequência de palavras.

AUTORIDADE E ACORDO

O Homem serve-se de dois métodos para julgar a veracidade das informações recebidas. No entanto nem um nem o outro são famosos.

Um deles consiste em dar crédito a todas as declarações que uma "autoridade" tem como veredito e pede-lhe para o admitir.

O outro é de fazer fé fundamentando-se na predominância das opiniões .

A "autoridade"

Há séculos , um Grego de nome Galileu, sumidade em medicina, sustinha - como os seus compatriotas - a teoria das "marés de sangue" ignorando todo o funcionamento do coração.

Passaram-se séculos antes que um médico inglês com o nome Harvey, membro da Academia Real de Medicina, descobriu, ao dissecar um animal, o verdadeiro funcionamento do coração.

Harvey, ao anunciar a sua descoberta e ao propor uma teoria revolucionária sobre a circulação do sangue, que assim punha fim à proeminência de Galileu, depressa a sua declaração acolhida por uma saraivada de gatos rebentados , de despojos de garrafas e de frutos podres, Harvey provocou uma tal emoção nos círculos medicinais e sociais que um médico dizia, em desespero de causa, a frase histórica : "É melhor errar como Galileu que ter fé em Harvey !"

Os progressos da Humanidade teriam sido nulos se o Homem tivesse adotado o método que consiste em apoiar-se na autoridade para constatar a evidência dos dados. Existiram em todos os tempos, indivíduos muito rebeldes para contestar os decretos da "Autoridade"; esses homens verificaram os fenómenos por eles mesmos, recorrendo à observação e admitido os dados postos em evidência pela experimentação; depois submeteram-nos a um novo exame. Foram eles que contribuíram para o progresso da humanidade.

A opinião popular, sinónimo de "verdade"

É muito provável que o homem que confeccionou o primeiro machado de sílex concluiu , ao olhar um pedaço de sílex, que uma pedra não polida podia ser trabalhada de forma a chegar ao resultado desejado. Depois de ter descoberto que o sílex se prestava a cor-

tar, pode muito bem ter acontecido que se precipitasse para a sua tribo para experimentar, cheio de entusiasmo, de lhe ensinar a fabricar os machados da forma desejada, em vez de perder meses à procura de pedras hipotéticas da mesma forma. Existem fortes razões para acreditar que foi apedrejado e banido da tribo.

Continuemos a dar livre curso à nossa imaginação criadora e suponhamos que ele finalmente teve êxito a convencer um outro membro da tribo da utilidade da sua técnica e que tendo amarrado um terceiro com cepas de videira e o tenha forçado a vê-los talhar um machado de sílex a partir duma pedra bruta.

Finalmente, depois de ter convencido alguns quinze ou vinte membros da tribo que, contrariados e forçados, deveriam assistir a este género de demonstração, os praticantes desta nova técnica declararam guerra ao resto da tribo, depois, vencedores, publicaram um decreto forçando-a assim a reunirem-se.

A AVALIAÇÃO DOS DADOS

Pode dizer-se que um dado não tem valor a não ser na medida em que é submetido a uma análise . Por outro lado , um dado não encontra o seu verdadeiro lugar a não ser quando o comparam aos objetos aos quais ele se aplica. Assim por exemplo, o dado segundo o qual "Um estudante se torna letárgico depois de ter passado uma palavra que não comprehendeu", é-vos útil na medida em que vós mesmos observais o que se passa quando efetivamente saltaram palavras incompreendidas. Uma pessoa que não saiba ler sentirá algumas dificuldades a avaliar este dado, e ser-lhe-ia de pouca utilidade.

Os dados são vossos unicamente quando avaliarem o valor.

Ponham-nos vocês mesmos à prova a fim de vos persuadir desta verdade ou da sua falsidade. Uma vez convencidos desta verdade, terão de seguida o espírito aliviado; se não, é possível que descubram posteriormente (sem anteriormente o ter suposto) uma pergunta que ficou sem resposta, na vossa informação ou na vossa formação de base, que minará a vossa aptidão a assimilar ou a pôr em prática uma técnica qualquer. O vosso espírito não terá a leveza requerida para tratar a pergunta

OS FUNDAMENTOS

Quando um homem tenta edificar a sua vida ou a sua carreira sobre dados que ele próprio nunca analisou como poderá ter sucesso?

Os fundamentos são pois de uma importância capital, mas, primeiramente é indispensável aprender a pensar a fim de adquirir a certeza absoluta dum fundamento.

Não é muito difícil de aprender a pensar. Pensar consiste simplesmente a pôr em paralelo um dado particular e o universo físico, tal como se conhece e tal como se observa .

O autoritarismo

O autoritarismo ensina-vos pelo constrangimento, bramindo a ameaça de sanções. O estudante está cheio de dados que não disseca, da mesma maneira que um taxider-

mista mumifique uma serpente .Esse tipo de estudante terá uma quantidade de informações à sua disposição, mas infelizmente não conseguirá muito sucesso na profissão que escolher.

Não cometam o erro de criticar um dado tomando como critério a opinião de outro. O único critério que entra em linha de conta é o de saber se ele coincide ou não com o *vosso* ponto de vista. Será que ele concorda com o que *vocês* pensam?

Estudem um assunto por aquilo que ele tem de enriquecedor e ponham as suas teorias em prática, depois formulem uma opinião. Estudem-no a fim de tirarem as vossas próprias conclusões quanto à eficácia e à precisão dos princípios que assimilaram.

Comparem o que aprenderam com o universo conhecido.

Procurem as causas de todos os fenómenos e postulem as fases eventuais da sua evolução e da sua orientação no futuro. Não deixem qualquer autoridade ou escola de pensamento imiscuir-se, por conclusões antecipadas, na vossa esfera de conhecimentos.

É unicamente o terem em conta estes princípios que podem beneficiar duma verdadeira formação.

10 GLOSSÁRIO

ACUSO DE RECEÇÃO :Comunicação que indica: "Notei a vossa presença". "Recebi a vossa comunicação e comprehendi-a" . Um acuso de receção põe fim a um ciclo de comunicação

AFINIDADE: Grau de amizade ou de afeto, ou a sua ausência

APLICAR : Pôr em prática com o objetivo de conseguir um resultado desejado

APRENDER : Adquirir uma aptidão, dados particulares num certo domínio, ou compreender um certo assunto,

APTIDÃO : Nível de capacidade para fazer qualquer coisa

ARTE : Capacidades adquiridas pela prática e familiarização permitindo atingir os resultados desejados, com precisão, segurança e um mínimo de esforço.

ASSUNTO : Aquilo de que trata a conversão. Aquilo que se estuda, aquilo que é submetido a um exame, a um exercício dirigido ou a uma verificação. Igualmente todos os dados e métodos que se desenvolveram num domínio da existência ou domínio do conhecimento.

ATENÇÃO : Faculdade que a pessoa tem de notar e observar.

ATRASO DE COMUNICAÇÃO : Tempo que leva um indivíduo para responder a uma pergunta , que ele fica calado ou que fala nos intervalos.

AUTOVIGILÂNCIA : Ação do estudante que se corrige enquanto o monitor o treina.

AVALIAR : Atribuir um valor a qualquer coisa ou determinar o seu valor, o seu mérito ou o seu grau de valor.

AXIOMA : Verdade ou proposição evidente em si mesma. Proposição cuja verdade é tão evidente à primeira vista que se impõe ao espírito sem necessitar dum processo de raciocínio ou uma demonstração.

BASE (DE) : Subjacente, constituindo um suporte ou dando uma realidade a outros elementos, permitindo-lhes existir ou manter a sua posição

BRILHANTE : Inteligente, ou vivo de espírito. Este termo utilizado entre aspas , designa toda a pessoa que dá uma aparência de ser brilhante, mas na realidade é prolixo

CAIXA DE DEMONSTRAÇÕES : Conjunto de pequenos objetos diferentes tais como : rolhas , elásticos ou cápsulas utilizadas pelo estudante para demonstrar o que ele estuda.

CICLO DE AÇÃO : Desenvolvimento que segue uma ação, no decurso do qual a ação é começada, continuada o tempo necessário e depois termina-se como se previu.

CICLO DE COMUNICAÇÃO : Série de factos que constituem a comunicação : ter a atenção sobre a pessoa à qual a comunicação é destinada; obter a sua atenção; transmitir-lhe a comunicação com intenção que a pessoa a receba exatamente como ela foi enviada; fazer de forma que ela seja recebida exatamente como foi enviada e receber, de volta, uma comunicação do destinatário indicando que a recebeu (acuso de receção). O Ciclo de comunicação significa igualmente um dos factos duma tal sequência.

CIÊNCIA : 1) Método de aquisição de conhecimentos tendo particularmente por objeto a pesquisa das causas dos fenómenos ou da sua estrutura, fazendo apelo a uma observação atenta e submetendo a um campo de experiências as teorias avançadas afim de se saber em que medida ela explica ou permite predizer os fenómenos observáveis.

2) Tipo de atividade utilizando esta aproximação.

3) Conhecimento sobre um assunto, adquiridos desta maneira .

CIRCUITO : Parte da mente do indivíduo que se comporta como se ela fosse qualquer um ou qualquer coisa separada dele, que lhe fala ou age de vontade própria e que pode mesmo, se é suficientemente possante, tomar o controle do estudante durante o seu tempo de funcionamento (uma banalidade que se repete sem parar na cabeça é um exemplo de circuito.) .

COEFICIENTE 0 (de) Neologismo que significa que se deve estudar um texto, dum ponto de vista geral porque não está marcado com asterisco. Exigir dum estudante a prova de que ele leu, escutou ou viu os materiais e que os comprehende duma forma geral.

COEFICIENTE ASTERISCO (*) (de) : Neologismo que significa que se deve estudar um texto muito conscienciosamente a fim de ser capaz de passar numa verificação sobre esses textos estudados a 100%

COMPETÊNCIA : Aptidão para fazer qualquer coisa ou para criar um produto (objetos ou produtos) de alta qualidade

COMPONENTE : Um dos elementos de um conjunto.

COMPREENDER : Aprender ou captar o sentido de qualquer coisa, conhecer a sua razão de ser ou o seu objetivo. A compreensão é proporcional ao grau de afinidade, de realidade e de comunicação posta em jogo.

COMUNICAÇÃO : Troca de ideias ou objetos entre duas pessoas.

COMUNICAÇÃO NOS DOIS SENTIDOS : Comunicação entre duas pessoas no decurso da qual a troca de ideias ou objetos tem lugar reciprocamente, cada interlocutor se torna alternadamente ponto-fonte e ponto-recepção

CONDIÇÃO PRÉVIA : Estado, situação cuja existência é indispensável antes de poder começar ou de fazer outra coisa.

CONFRONTAR : Fazer face a qualquer coisa confortavelmente e sem intermediários, vê-lo tal e qual, sem se irritar, sem resistir a isso, ou tentar fugir .

CONHECIMENTO (S) : Aptidão (ões) dado(s) que se possuem com segurança; igualmente a certeza em si mesmo ou a consciência. Este termo tem algumas vezes o sentido de : dados ou técnicas que dizem respeito a um domínio qualquer que são reconhecidas exatas ou realizáveis

CONTROLE (FOLHA DE) : Formulário que enumera a lista de cada livro, cassete, conferências , exercícios , demonstrações ou outros materiais de estudo, que o estudante deve conhecer a fundo a fim de adquirir capacidades específicas , colocados na ordem mais apropriada ao estudo. A folha de controle é estudada na ordem indicada . À frente de cada rubrica encontra-se um espaço em branco reservado às iniciais do estudante 8(ou da pessoa que o verifica, no caso de passar o exame) certificando assim que ele comprehende o artigo e que é capaz de pôr em prática.

CONTROLE : A capacidade de pôr em ação, mudar e parar as coisas à vontade.

CURSO : Projeto comportando um conjunto ordenado de ações no estudo, de modo a adquirir um talento-especial.

DADOS : O que é conhecido ou é objeto de uma hipótese. Facto que serve para tirar conclusões.

DE COR : Palavra por palavra.

DEMONSTRAÇÃO EM PLASTICINA : Demonstração fazendo apelo à plasticina , às etiquetas em papel, confeccionada segundo um processo exato ensinado no curso. As demonstrações em plasticina ajudam o estudante a envolver-se no que está a estudar e ajudam-no a ver como pode utilizar os dados.

DEMONSTRAR : Mostrar a maneira como funciona uma coisa , como ela é organizada ou feita, servindo-se da coisa em si, duma maqueta ou símbolos. Uma demonstração ultrapassa o quadro duma simples explicação, ela cria um equilíbrio entre palavras e ações.

Deve chumbá-lo sempre. Todas as vezes que uma ação de estudo requer um monitor, compete ao estudante de fazer o exercício e ao monitor , de vigiar a qualidade de execução do exercício pelo estudante

DUPLICAR : Receber uma comunicação exatamente como o projetou o expedidor.

EMBRUTECIMENTO : Estado de torpor, verdadeiro adormecimento , coincidindo com o facto de estar afundado no vazio mental consequência de ter passado palavras ou símbolos que não se compreenderam totalmente.

ENSAIO : Um escrito curto onde o autor expõe as suas opiniões sobre uma questão específica .

ESCALA GRADUADA : Série de etapas ascendentes de que se serve para apresentar qualquer coisa segundo uma graduação.

ESCOLÁSTICA : Relativo ou próprio da escola, à Universidade aos estudantes, aos ensinamentos às questões académicas.

ESTUDANTE : É aquele que observa atentamente e em pormenor a fim de adquirir conhecimentos e poder de seguida utilizá-los para chegar a um resultado específico. Igualmente aquele que tem o papel de estudante num exercício ou sessão de exercício dirigido.

ESTUDO : Ação de observar os dados, os factos participando neles familiarizando-se cada vez mais com elas treinando-se a utilizá-los e a pô-los em prática a fim de obter resultados; tudo isto sendo realizado por aquele que é estudante.

EXAME : Ação de examinar; mais particularmente , procedimento de verificação no quadro dum curso.

EXAMINAR : Inspecionar qualquer coisa nos mais pequenos detalhes, observar com atenção. Igualmente assegurar-se que qualquer coisa responde a certos critérios. Quando "examinamos um estudante", verificamos os seus conhecimentos, o seu grau de compreensão e a sua capacidade de aplicar o que aprendeu.

EXEMPLO : Membro de um grupo, típico dum conjunto. Caso, acontecimento particular, que serve para ilustrar uma regra, um conceito

EXERCÍCIO : Instrução destinada a desenvolver as qualidades através dum treinamento dirigido e por uma prática renovável.

EXERCÍCIO DE ASSIMILAÇÃO : Exercício que faz parte dum curso, que aumenta a aptidão dum estudante na assimilação dos dados.

EXERCÍCIO DIRIGIDO EM TEORIA : Forma precisa de exercício dirigido, explicado neste curso, que tem como objetivo ajudar o estudante a assimilar os dados teóricos e particularmente aqueles que lhe trazem dificuldades.

ÊXITO (ter) : Facto de ter feito um bom exame assim como um exercício ou uma verificação, tendo satisfeito os critérios segundo os quais foram sujeitos. Enquanto monitor, é igualmente assegurar-se que um estudante corresponde aos critérios de um exame e diz-lho.

FALHA : Não satisfaz os critérios dum exame ou duma verificação. Aquilo que é insuficiente para o fim em vista. Enquanto monitor, é o mesmo que dizer ao estudante que ele foi reprovado.

FAZER (o) : Trabalho, ação ou operação dum poder, duma função ou dum órgão.

FENÓMENO : Facto ou acontecimento observável, seja no mundo exterior, seja no espírito humano.

FOLHA COR-DE-ROSA : Tarefa atribuída a um estudante pelo supervisor do curso quando verifica que um estudante não compreendeu ou é incapaz de aplicar um dado que deveria ter assimilado anteriormente. É redigida em papel cor-de-rosa.

FORMULA : Expressão duma solução tipo ou de regras que , sobre uma forma geral servem de exemplo do que é preciso fazer num caso específico, a fim de atingir o resultado desejado. Por exemplo : a receita do frango de fricassé, o ceremonial a observar em presença de um rei, ou o método que serve para determinar a força de atração dum íman.

FUNDAMENTAL : Que pertence ou que se encontra na base ou ponto de partida. Elemento essencial que serve de suporte e sem o qual um conjunto não poderia existir ou ter qualidade.

GRADUAÇÃO : Aproximação gradual dum assunto, etapa por etapa, destinado a compreender ou a adquirir uma capacidade particular, e em cada degrau é um pouco mais árduo que o precedente embora realizável, na medida em que se percorrem todos os degraus anteriores. Significa igualmente uma das etapas desta graduação. (Ver "Graduação saltada") .

GRADUAÇÃO SALTADA : Nível de competência, ou de compreensão o qual não se teve em conta, ou não se trabalhou o suficiente, muito bem, que posteriormente se embrulharam ou se revelaram incompetentes . Exemplo : o jogador que nunca aprendeu a pegar uma bola no ar revela-se incapaz de aprender a jogar ao basebol.

ÍNDICE REVELADOR : Sinal ou acontecimento aparente que indica a presença ou eminência duma coisa.

INFORMAÇÃO : Dados adquiridos por meio da comunicação, conhecimento adquirido pela leitura , a formação, ou ensinamentos recolhidos por qualquer outro meio.

INTENÇÃO : Aplicação ou concentração do espírito em vista a obter um resultado desejado.

INTERMEDIÁRIO : Tudo o que serve de via a uma comunicação. Este termo designa igualmente tudo aquilo que uma pessoa utiliza "para confrontar" (em vez de simplesmente confrontar) : por exemplo ascender um cigarro para fazer pose, ou usar óculos escuros para parecer afastada das coisas.

INVALIDAR : Criticar a verdade , o valor intrínseco. A aptidão ou existência de alguma coisa ou de alguém. Dizer por exemplo a uma pessoa que anda a aprender a conduzir : "# Não vais ser capaz de conduzir" .

LÉXICO : Lista de definições de termos empregues no texto.

LIÇÃO : O que se aprendeu ou que se deve aprender; igualmente a duração de um ensinamento.

MAL COMPREENDIDO (adj.) : Aquilo que foi compreendido dumha forma incorreta; palavra ou símbolo que a pessoa não assimilou totalmente a significação.

MANUAL : Obra que apresenta um conjunto de indicações sumárias.

MASSA : Volume físico dumha coisa; a sua solidez assim como o espaço que ocupa.

MATÉRIA (a) : O que se estuda; objeto de estudo.

MESA DE MODELAR : Termo sinónimo de "demonstração em plasticina" . Ela existe em certas salas de aulas uma mesa que serve para trabalhar com plasticina.

MONITOR (ser) : Ação de ajudar uma pessoa a assimilar os dados, pondo-lhe questões, ajudando-lhe a atravessar as dificuldades, etc., segundo um método preciso ensinado neste curso.

MONITOR : Aquele que submete o estudante a um treino dirigido incluído num dos exercícios do curso.

NÍVEL : grau de qualidade particular, apropriado e ajustado a um fim específico.

NOMENCLATURA : Conjunto de termos e definições empregues num assunto.

OBSERVAR : Dar-se conta de , através dos sentidos. Assimilar qualquer coisa através dos sentidos.

PALAVRA : Cada um dos sons, grupo de sons ou representação escrita deste, correspondendo a um sentido que aceitamos de comum acordo.

PARCEIRO : Estudante de força comparável que neste curso faz a função de par. Os parceiros têm à vez o papel de monitor. Eles fazem verificações recíprocas e eles são responsáveis mútuos dos seus progressos e da sua integridade no estudo. .

PARTÍCULA : Pequena parte ou pequena quantidade de matéria

PONTO-FONTE : Aquele que põe em marcha ou envia uma comunicação. Igualmente lugar de onde é enviada .

PONTO-RECEÇÃO : O que recebe uma comunicação . Igualmente lugar de receção.

PONTOS DE ESTUDO : Unidades de valor que servem para medir os progressos do estudante no seu curso. Cada ação de estudo efetuada ou conseguida vale um certo número de pontos em função da sua importância. O estudante que toma nota dos seus pontos dia-a-dia e semanais está á altura de constatar os seus progressos.

PRÁTICA (adj.) Que diz respeito à prática . A ação(oposta à teoria)

PRINCÍPIO : Verdade ou lei fundamental sobre a qual se apoiam todas as outras.

PROCEDIMENTO: ação que se empreende numa certa ordem para chegar a um dado resultado.

PROVOCAÇÃO : ação do monitor na rotina de treino 0 que faz parte deste curso, que tenta, com as suas palavras e ações, levar o estudante a reagir em lugar de não fazer nada e de estar ali. O objetivo da provocação é de aumentar a aptidão do estudante a fazer face às coisas, descontraidamente e a vê-las tal como elas são. Este termo é retirado dum jogo particular a alguns países chamado "corrida", o toureiro tenta enraivecer o touro espicaçando-o ou fingindo atacá-lo.

Q e A (na origem , em inglês) (P e R em português N.T.) (fazer) : (nome) facto de não completar um ciclo de ação (verbo) não conseguir terminar um ciclo de ação. Sigla formada a partir da expressão "fazer uma Pergunta respeitante à Resposta de uma pessoa " . A maior parte do tempo, isto consiste a empreender uma nova ação antes de ter terminado a primeira.

RACIONALIZAÇÃO : Facto de forjar ou alegar, à sua autossatisfação, de falso pretexto que desculpa o seu comportamento.

REESTUDAR : Voltar atrás e estudar de novo qualquer coisa . O caso do estudante que pensa ou declara ter aprendido um texto e que reprovou durante a verificação, ou se considera incapaz de passar à ação, constitui um exemplo de reestudo.

RELATÓRIO SEMANAL DO ESTUDANTE : Formulário preenchido uma vez por semana por cada estudante, indicando os seus progressos, os seus sucessos ou as suas eventuais dificuldades, e no qual é anotado todo o comentário que ele deseja que aí figure.

REPESCAGEM (secção de) Secção do curso à qual é enviado o estudante que experimenta continuamente dificuldades ou aquele que se recusa ao exame. Aí se descobre e se maneja tudo o que põe obstáculos ao seu progresso.

ROTINA DE TREINO : Um dos cinco exercícios deste curso que permite desenvolver uma aptidão particular nos diferentes aspetos da comunicação.

SIGNIFICAÇÃO : Sentido atribuído a uma coisa ou a um facto; todo o pensamento ou ideia.

SUBMERGIR: Facto de dar a um indivíduo o sentimento que é ultrapassado pelos acontecimentos ; enviar uma comunicação com demasiada força de tal modo que o interlocutor se sente esmagado.

SUCESSO : Facto de chegar ao fim desejado; Realização pessoal.

SUPERVISOR DE CURSO : Pessoa responsável dum curso, que vigia a que cada estudante assimile por ele mesmo os materiais. A função dum supervisor de curso não é de fazer conferências ou de "ensinar" .O seu papel é de desviar tudo o que constitui obstáculo aos progressos pessoais dos estudantes.

TÉCNICA : Método que permite dirigir a sua atenção e os seus esforços a fim de conseguir um resultado a uma grande escala.

TEORIA : A ideia que se avança como sendo a explicação possível de um facto. Parte dum assunto ou dum curso tratando de ideias, de explicações e princípios, por oposição à técnica e à prática. Igualmente todos os materiais desse género.

TEXTO : Conteúdo dum escrito ; Igualmente termos e frases que constituem um elemento desse escrito.

TR : Abreviatura de rotina de treino

TREINAR : Levar uma pessoa a desenvolver um talento servindo-se de técnicas de exercício dirigido ou supervisionando-o

VERIFICAÇÃO (de coeficiente de asterisco) : Breve exame obedecendo a regras precisas, expostas neste curso, tendo como finalidade verificar se o estudante possui e é capaz de aplicar 100% uma parte dos materiais do curso.

VERIFICAÇÃO (por sondagem) : 1) Verificação operada num estudante pelo seu parceiro de curso no qual ele escolhe ao acaso algumas palavras e dados. Ela deve a sua apelação ao facto de o estudante não tentar examinar todos os materiais.

2) ação do supervisor interrogar o estudante sobre a sua compreensão das palavras e dos dados que o estudante já atestou ter assimilado, ao assinar a sua folha de controle.

VOLÚVEL : (adj.) Que é capaz de absorver os dados ou de fornecer respostas sem se entregar a ele mesmo, ou sem no entanto poder pôr em prática ou aplicar o que aprendeu.